

CACHOEIRA • BOQUEIRÃO  
POÇÕES DE S. MIGUEL  
CAMPO GRANDE  
CAMPO LARGO • TORRE  
LHA • GRACIOSA  
VÁRZEA BRANCA  
PASSAGEM • BOA VISTA  
ALDEIA • PORTO ALEGRE  
TATU • GAMELEIRA  
RETIRO • BARRA  
CARAÍBA • LAG. SUÇUAPARA  
S. ROSA • JENIPAPO  
TABUA • SERRA • TORTA  
TRANQUEIRA • CANAVIEIRA  
SACO • BURACO • PEDRAS  
SUÇUAPARA • SAMAMBÁIA  
BOQUEIRÃO • TUCANO  
FRADE • TALHADA  
CORRENTE • MOCAMBO  
BURITI • SACO • LAGOA GRANDE  
TRANQUEIRA • SUÇUAPARA  
SALINAS • ALMAS SANTAS  
TABULEIRO ALTO  
CURRAL DOS CAMPOS  
FAZENDA GRANDE  
SÍTIO DAS PIMENTAS  
ESPINHOS • SALINAS  
CACHOEIRAS • GAMELEIRAS  
SERRA • RIACHO • SOBRADO  
LAGOA DO JACARÉ • ESPINHEIRO  
ALAGOA DAS ITARIS  
SÍTIO BAIXO • SUÇUAPARA  
ALGODOES • CATARÊNS

# OS PRIMEIROS CURRAIS

GEOGRAFIA E HISTÓRIA DO PIAUÍ SEISCENTISTA

## ODILON NUNES

TAPERA • POBRE • ANGICO  
MOCAITÁ • LAGOA DO JACARÉ  
BOA VISTA • ONÇA • ANTA  
BOQUEIRÃO • JUAZEIRO  
SAMBAÍBA • POTI • S. LÁZARO  
S. PEDRO • S. COSME  
CANA BRAVA • ININGAS  
DOR DE BARRIGA • BIGODE  
CABEÇA DO TAPUIA  
OLHO D'ÁGUA • SÍTIO DA CRUZ  
S. VÍTOR • S. MATEUS  
BELO JARDIM DA CRUZ  
TAPETA • SÍTIO DO MENDES  
S. NICOLAU • SÍTIO DAS PEDRAS  
S. ANTÔNIO • VITÓRIA  
SERRA NEGRA • S. FRANCISCO XAVIER  
SÍTIO DE S. CATARINA  
GADO BRAVO • S. VICENTE  
S. ANTÔNIO • ALEGRETE  
CARAÍBAS • BERLENGAS  
S. JOÃO DAS FLORES  
S. ANTÔNIO • JENIPAPO  
CARNAÍBA • ESTREITO  
BOA CEIA • SÍTIO DAS COBRAS  
FAZENDA DA BARRA • A SERRA  
BITOROCARA • JATOBÁ • GUARIBAS  
PICO • MATO • MARAVILHAS  
BATALHA • JACARÉ  
SÍTIO DAS FLORES • RIO GRANDE  
SALINAS • SERRA VERMELHA  
ESTREITO • BURITIS  
BARREIRAS • CASTELO  
SÍTIO DAS MANGANAS • SÍTIO REAL



APOIO CULTURAL



**AMOSTRAGEM**

OPINIÃO E MERCADO

INSTITUTO PIAUIENSE DE OPINIÃO PÚBLICA

# ODILON NUNES



área de criação

# OS PRIMEIROS CURRAIS

**GEOGRAFIA E HISTÓRIA  
DO PIAUÍ SEISCENTISTA**

**TERESINA, 2025**

*Esta edição  
é uma homenagem  
aos historiadores*

*Odilon Nunes*  
*Abdias Neves*  
*Alcides Nascimento*  
*Anisio Britto*  
*Audrey Magalhães*  
*Claudete Dias*  
*Claudia Fontineles*  
*Clodoaldo Freitas*  
*Diderot dos Santos Mavignier*  
*Francisco Nascimento*  
*Fonseca Neto*  
*Geraldo Borges*  
*Gleudson Monteiro*  
*Higino Cunha*  
*João Gabriel Ferreira*  
*Joaquim Chaves*  
*Junior Vianna*  
*Marcelo Neto*  
*Monsenhor Chaves*  
*Padre Cláudio Melo*  
*Possidônio Queiroz*  
*Reginaldo Miranda*  
*Rodrigo Caetano Silva*  
*Teresinha Queiroz*  
*Wilson de Andrade Brandão*



# PROCESSO

Apresentação da edição publicada na Coleção  
Monografias do Piauí, Série Histórica, 1972.

Mais um estudo do provector professor Odilon Nunes mostra-nos o processo histórico-social da formação do Piauí. O Governo sente-se satisfeito em confiar aos estudiosos este *Os Primeiros Currais (Geografia e História do Piauí Seiscentista)*, em que tantas informações interessantes e sérias assinalam os primórdios de nossa vida de comunidade: a influência e o prestígio da Casa da Torre, o latifúndio, as vias de comunicação, a população (negros, brancos, índios e mestiços), os primitivos núcleos de colonização e, sobretudo, o curral – o curral e o vaqueiro – em que se assenta, realmente, o processo social primitivo do Piauí.

Obra objetiva, de interpretação, de análise, de caracterização do nosso isolamento cultural durante anos a fio – isolamento vencido pela tenacidade da gente piauiense.

*Alberto Tavares Silva*  
*Governador do Piauí, 1972*

# PREFÁCIO

João Batista Mendes Teles, que o tempo e o destino me deram a honra de conhecer quase 40 anos atrás, solicitou de mim um obséquio que reputo um privilégio: escrever este prefácio para a reimpressão de uma obra monumental. Em menos de meia centena de páginas, Odilon Nunes desenha um enredo histórico e geográfico que pode ser lido como referência e com reverência à acuidade com que certamente produziu este trabalho magnífico.

*Os primeiros currais: geografia e história do Piauí seiscentista* não apenas rico em informações sobre a gênese desse Estado. Trata-se de um texto cheio de possibilidades para interconexão com outros conhecimentos produzidos ao longo dos quase 70 anos entre sua primeira publicação, na edição N° 4 da *Revista Econômica Piauiense*, em 1957, e a presente reimpressão. Aliás, se por interconexão, devemos lembrar o acesso a fontes, que Odilon Nunes já sinaliza

que seu trabalho poderia seguir na abertura de novos caminhos à História e à Geografia do Piauí, porquanto seu texto muito rico arrima-se em 19 fontes primárias e bibliográficas, com nada menos que 65 citações.

O texto de Odilon Nunes, cuja base está na *Descrição do Sertão do Piauí*, tem o condão de analisar, com arrimo das demais fontes, o surgimento deste lugar em que ora habitam 3,2 milhões de pessoas, mas que naqueles primórdios do final do século XVII era um vazão de pessoas – mesmo das gentes originárias ditas gentios pelos ocupantes portugueses.

A *Descrição* não despertou interesses – assim como não despertaria interesse aquele lugar a ser dito futuramente como Piauí, “um desvão recôndito que, por pobre, não lhe chegava nem mesmo a cobiça dos inimigos de Portugal”. Mas se tal sorte não havia, configurava-se o documento que dele tratava em certidão de nascimento de sua História e de sua Geografia.

Cuidou Odilon Nunes de traçar uma bem cuidada análise dessa *Descrição*. Primeiro, olhando o ato de surgimento da povoação que se tornaria a primeira capital do Capitania de Piauí, Oeiras, sem descuidar de que tal ato já se fez sob discórdia dos potentados latifundiários que tempos depois seriam ultrapassados pelos vaqueiros no mister de desbravar a vastidão das terras piauienses.

Depois, viajando pela vastidão de informações sobre o Piauí seiscentista.

O texto é trama a exhibir o desenho de uma economia pecuária fundante do Piauí, de como essa atividade econômica se guiou pelos rios, de como o tempo cuidou de mudar os nomes desses rios e de outros lugares. E, como posto, dá a quem o lê e quer pesquisar, a chance de buscar explicações a mais para tantas perguntas que se possa e se queira fazer ao documento.

É imperativo perceber na leitura deste texto, além do aspecto de novidade que ele representa ao ser relido, a valorização que o autor dá ao vaqueiro residente nas ermas fazendas do Piauí seiscentista e setecentista, tratado por Odilon com o incomum adjetivo “robinsônico”, que na ausência de verbete em dicionários disponíveis, lê-se como um homem isolado em um sertão insular que era o Piauí daquelas lonjuras pretéritas.

Pode-se depreender que historiador lança um olhar condescendente sobre esse tipo humano, habitante de uma terra que não oferecia uma natureza fácil, criador de gado bovino em vastidões que disputavam com os habitantes originários. Também poderá se dizer que Odilon se alinhou mais ao ocupante europeu que aos que já aqui estavam, os indígenas, ou os que para aqui vieram sob o jugo da escravidão, os africanos. Não é o caso. Inicialmente, é

necessária a percepção de “Zeitgeist” acerca deste trabalho. Seguidamente, notar que o texto foca em um espírito de perseverança e resiliência de todas essas pessoas humanas, poucas a ponto de não contarem meio milhar no final do século XVII.

O trabalho de Odilon Nunes, neste sentido, tem o condão de nos mostrar que com poucos, recursos, meio milhar de pessoas – homens, em sua maioria – fez bem mais que outros muitos auxiliados pela elite colonial brasileira e pela Coroa Portuguesa. Inventaram um lugar e sua economia, sua cultura calcada na pecuária bovina; gente que trabalhou isolada, no silêncio, em solidão e dificuldade – condições que, mesmo não se dizendo diretamente no texto de Odilon Nunes, podem ter produzido a rudeza em seres humanos que forjaram uma grandeza que mais de três séculos depois ainda são poucos os que conseguem notar. Odilon notou, quase 70 anos atrás.

*Cláudio Barros*

*Mestre em História do Brasil pela  
Universidade Federal do Piauí,  
professor e jornalista*

ALEGRE • TATU • GAMELEIRA • RET  
SA • JENIPAPO • TABUA • SERRA • TO  
ACO • PEDRAS • SUÇUAPARA • SAMA  
DA • CORRENTE • MOCAMBO • BURI  
PARA • SALINAS • ALMAS SANTAS •  
ENDA GRANDE • SÍTIO DAS PIMENTA  
MELEIRAS • SERRA • RIACHO • SOBR  
LAGOA DAS ITARIS • SÍTIO BAIXO • S  
PERA • POBRE • ANGICO • MOCAITÁ •  
BOQUEIRÃO • JUAZEIRO • SAMBAÍBA  
ANA BRAVA • ININGAS • DOR DE BAR  
IO D'AGUA • SÍTIO DA CRUZ • S. VÍTO  
• SÍTIO DO MENDES • S. NICOLAU •  
GRA • S. FRANCISCO XAVIER • SÍTIO  
NIO • ALEGRETE • CARAÍBAS • BERL  
O • CARNAÍBA • ESTREITO • BOA CEL  
A • BITOROCARA • JATOBÁ • GUARIB

IRO • BARRA • CARAÍBA • LAG. SUÇU  
ORTA • TRANQUEIRA • CANAVIEIRA • S  
MBAIA • BOQUEIRÃO • TUCANO • FR  
TI • SACO • LAGOA GRANDE • TRANQ  
TABULEIRO ALTO • CURRAL DOS CA  
AS • ESPINHOS • SALINAS • CACHOE  
ADO • LAGOA DO JACARÉ • ESPINHE  
SUÇUAPARA • ALGODÕES • CATARÉN  
LAGOA DO JACARÉ • BOA VISTA • ON  
A • POTI • S. LÁZARO • S. PEDRO • S. C  
RRIGA • BIGODE • CABEÇA DO TAPUI  
R • S. MATEUS • BELO JARDIM DA C  
SÍTIO DAS PEDRAS • S. ANTÔNIO • V  
D DE S. CATARINA • GADO BRAVO • S  
ENGAS • S. JOÃO DAS FLORES • S. A  
A • SÍTIO DAS COBRAS • FAZENDA D  
AS • PICO • MATO • MARAVILHAS • BA

*A Descrição do Sertão do Piauí* é documento contemporâneo dos mais antigos documentos da história do Piauí, pois pertence ao grupo dos que descrevem a fundação da Nova Freguesia e Igreja de Nossa Senhora da Vitória. São também as mais antigas páginas de Geografia e História descritivas do Piauí. Foi Ernesto Ennes que enriqueceu nosso patrimônio histórico com essa e muitas outras peças documentais que relatam os primórdios de nossa vida.

O abnegado pesquisador português, que dessa forma se vincula à cultura piauiense, traduziu por MIGUEL COUTINHO a assinatura do autor que subscreve, por meio de rubrica, o referido trabalho.<sup>1</sup>

Já Serafim Leite, Taunay e outros preferem apontar como seu autor o P. Miguel Carvalho, numa conclusão lógica a que conduz a análise do conjunto das peças que tiveram sua origem numa única fonte. Os termos, ou

melhor, as atas que oficializam a fundação da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, assinadas pelo P. Miguel Carvalho, dão-no como seu fundador. Assim também a *Descrição do Sertão do Piauí*, datada no mesmo dia e no mesmo local que o termo da bênção da Nova Capela, dá, como seu fundador, o autor que a subscreve. Dessa forma, tudo indica que o P. Miguel Carvalho é o mesmo P. Miguel Coutinho, de quem nos fala Ernesto Ennes. É o que dizem aqueles documentos que se relacionam entre si.<sup>2</sup>

A 11 de fevereiro de 1697, na residência de Antônio Soares Touguia, na fazenda Tranqueira, situada nas margens do riacho desse mesmo nome, afluente do Canindé, o P. Miguel Carvalho reúne os moradores indicados em *Pastoral* de D. Francisco de Lima, Bispo de Pernambuco, e demais pessoas que atendem o chamamento, para eleger o local em que deveria ser fundada a Nova Matriz de N. S. da Vitória. Francisco Dias de Siqueira, provavelmente o mais antigo morador do Piauí e o homem mais poderoso daquelas redondezas, abandonara seu arraial (o Arraial dos Paulistas, como chamavam), certamente convocado para aquela solenidade.

Ainda compareceram os Caps. José Garcia Paz, da fazenda Mocaitá, Antônio Dantas Azevedo, da fazenda Torta, Antônio Nunes Barreto, de Poções de S. Miguel, Alf. Francisco Bezerra Correia, de Samambaia, Antônio

da Cunha Souto Maior, de Caraíbas, Francisco Machado Guimarães, de Gameleira, Cristóvão de Brito Sampaio, de Lagoa de Jacaré, Francisco Cardoso de Rosa, de Porto Alegre, Pedro Alves de Oliveira, de Pobre, todos da Bacia do Canindé. Também assinam o termo Pedro Nunes Pinheiro e João Alves de Oliveira, cujos nomes não encontramos em papéis da época. Parece-nos que eram do Arraial dos Paulistas, ali residentes, e que acompanharam o Cap.-Mor Francisco Dias de Siqueira. Se assim, seriam estes, junto a seu chefe, nessa primeira reunião, talvez os únicos representantes dos fazendeiros do rio Poti e seus afluentes que assinam aquele documento.

Anima-nos ainda a ter essa presunção, haver informado Taunay, que era paulista Pedro Alves de Oliveira,<sup>3</sup> que já conhecemos como residente em Pobre; o último dos dois ainda não identificados tem o mesmo nome de família, isto é, Alves de Oliveira. Acresce também haver dito o P. Carvalho que eram 441 pessoas que habitavam nas 129 fazendas e só havermos encontrado 438, o que veremos em seguida.<sup>4</sup> Se considerarmos Nunes e Oliveira como auxiliares de Francisco Dias de Siqueira, teremos, então, o número indicado. Os índios do Arraial seriam comandados pelos três que eventualmente seriam auxiliados por outros paulistas domiciliados nas fazendas do Poti ou mesmo do Canindé.

Escreve o termo e o assina Antônio dos Santos e Costa, também não identificado e que nos parece seria o sacristão do P. Miguel Carvalho, cuja assinatura vem sempre, em todos os termos, logo depois da do escrivão.

Congregados todos na casa de residência de Antônio Soares Touguia, em Tranqueira, o vigário mandou ler a *Pastoral* do Bispo, e tornou claros os fins da reunião. Consultados os presentes, “assentaram, votaram e determinaram que se fizesse a Igreja no brejo chamado a Mocha, por ser a parte mais conveniente dos moradores de toda a povoação, ficando no meio dela com iguais distâncias e caminhos para todos os riachos e partes povoadas”. Acordaram ainda “para lugar da Igreja e casas do Rev. Cura, o tabuleiro que se acha pegado à Passagem do Jatobá para a parte do Canindé, e para roças e passais do Rev. Cura e Igreja, consignaram os moradores todo o Brejo do sobredito riacho da Mocha”.<sup>5</sup>

Não compareceu a essa solenidade, nem às que se realizaram depois, Domingos Afonso Serra, que residia também em Tranqueira, onde se fizeram as duas primeiras reuniões.<sup>6</sup> Era ele sobrinho de Julião Afonso Serra e de Domingos Afonso Sertão. Não é duvidoso que sua ausência já fosse uma manifestação de hostilidade àquela iniciativa. No ano imediato ele entra em atrito com o Vigário de Mocha, destruindo “todos os ranchos que estavam levantados para a fábrica da Igreja”.<sup>7</sup>

Esses magnatas, bem como os da Casa da Torre, dos quais eram sócios, sempre foram hostis às iniciativas de ordem política ou religiosa, em seus latifúndios. Domingos Afonso Sertão não deveria ter olhado com simpatia, se fosse objeto de estudos, a fundação da vila de Mocha, o que se depreende da atitude de seu sobrinho.<sup>8</sup>

Em março de 1669, Garcia Dávila destruíra também duas residências e as igrejas de Itapecuru, Jeremoabo, bem como a dos *Caimbés*.<sup>9</sup>

Contudo, Domingos Afonso Sertão nomeia executor de seu testamento e, por sua morte, administrador de seus bens, no Piauí, o Reitor do Colégio da Bahia e os que lhe sucedessem na função, delegando dessa forma atribuição de administrador à própria Companhia de Jesus.<sup>10</sup>

No dia imediato, no mesmo local, que fora escolhido para ereção da capela, reúnem-se ainda aqueles vaqueiros. Diz o termo que “apareceram todos os moradores deste Sertão do Piauí, Canindé e mais partes do distrito da Nova Freguesia de N. S. da Vitória”. Certamente mais do que os que assinaram a primeira ata; porém não todos os habitantes daqueles ínvios sertões. Muitos dos presentes positivamente deixaram de assinar porque eram analfabetos.

Podemos, entretanto, afirmar que estiveram presentes nessa nova reunião todos os que compareceram à anterior, porque suas assinaturas apareceram nesse novo termo.

E mais um, o Alf. Cristóvão Alves de Palma, criador na fazenda Corrente, nas margens do riacho do mesmo nome, afluente do Canindé. Dessa vez disseram que “se obrigavam a fazer, conservar, e paramentar de ornamentos, e todo o mais necessário” a Igreja e que “queriam nela levantar uma confraria de N. S. da Vitória”. Declararam mais que “se obrigavam todos a pagarem aos Revs. Curas as porções ordinárias que até agora pagavam aos da Matriz da Conceição do Rodela, a saber, cada morador, dois mil réis e os senhores de fazendas, pela parte de seus negros e fábricas, dez tostões”.<sup>11</sup>

Acordadas essas deliberações, puseram mãos à obra que seria um marco de extraordinária projeção nos destinos do Piauí. Contudo, sob esse aspecto, aqueles rústicos vaqueiros jamais se mostravam ciosos de exhibir grandezas e força. Sua ambição seria outra.

Dezoito dias após, isto é, a 2 de março de 1697, no brejo da Mocha, há a solenidade da benção da nova capela e posse que se deu ao Rev. Cura. Diz o termo que a Capela consta de vinte e quatro palmos de comprimento, e doze de largo, feita com a decência possível de taipa, e coberta de pindoba”, e “nela se levantou um altar” “feito de tábuas com nove palmos de comprido, e quatro de largo”. “E assim mais benzeu o Rev. Vigário um adro que de redor da capela consignou com marcos de pedra para sepultura

de defuntos e donde se há de fazer a nova Igreja a qual tem cem passos de comprido, e sessenta de largo”. No mesmo dia, “deu o Ver. Vigário da Vara posse ao novo Cura o Ver. Licenciado Tomé de Carvalho e Silva, da Nova Capela, com todas as cerimônias costumadas de fechar e abrir portas, consertar altar, abrir e fechar missal, estender e dobrar corporais, dobrar e desdobrar ornamentos e ultimamente lendo publicamente ao Povo a Provisão que trazia do Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo de Pernambuco”.<sup>12</sup>

Quando trinta e um anos depois passou pelo Piauí João da Maia da Gama, ainda encontrou como vigário o P. Tomé de Carvalho que “fundou novamente a Igreja de pedra e saibro, e a ornou e a paramentou com muito zelo com vasos e castiçais de prata e varas de pálio, tudo devido a seu grande zelo”.<sup>13</sup>

À assinatura do P. Miguel Carvalho, segue-se agora a do P. Tomé Carvalho da Silva. Ainda subscrevem essa mesma ata Luís Rodrigues Viana, de Lagoa Grande, Constantino Ferreira Faria, de Alagoa da Suçupara, ambos moradores da bacia do Canindé, e também Baltazar Machado, de S. João das Flores, no rio Berlengas, afluente do Poti. Esses três só agora compareciam àquelas reuniões. Bem assim, o P. Tomé Carvalho. Mas já não compareceram à mais importante das solenidades, revelando indiferentismo

religioso, muitos fazendeiros que assinaram os dois primeiros termos: José Garcia, Souto Maior, João Alves, Francisco Machado, Sampaio, Cardoso, Cristóvão Alves de Palma e Pedro Nunes que presumimos seja do Arraial dos Paulistas. Não se fizeram também representar os fazendeiros do Gurguéia, Itaueira, Maratauçã, rios já povoados.<sup>14</sup>

O fundador de nossa primeira capela, ao desincumbir-se de sua missão, certamente seguiu para Olinda onde foi prestar conta do que obrara nesses agrestes sertões. A oito de junho, os três termos que historiam o estabelecimento de nossa primeira igreja, foram registrados no Livro 7, do Bispado de Pernambuco, em Olinda.<sup>15</sup> Em carta de 11 desse mesmo mês, D. Francisco de Lima os remete, junto à *Descrição dos Sertões do Piauí*, a Roque Monteiro Paim, Secretário de Estado.<sup>16</sup>

Por *Decreto* de seis de novembro, o Rei envia todos esses documentos ao Conselho Ultramarino que os estuda em reunião de vinte do mesmo mês.<sup>17</sup> Em fevereiro de 1698, o Rei aprova a criação da nova Paróquia e participa a resolução por *Carta Régia* a Caetano de Melo Castro, Governador de Pernambuco.<sup>18</sup>

A Corte pouco interessou a *Descrição do Sertão do Piauí*. Talvez mesmo não tenha sido objeto de estudos. Esse Piauí era um desvão recôndito que, por pobre, não lhe

chegava nem mesmo a cobiça dos inimigos de Portugal. Achava-se resguardado por alcantilados penhascos de extensas cordilheiras ou dilatados *chapadões* de *caatingas* ou matas. Nenhuma promessa de pedras ou metais preciosos. Sua flora e sua fauna ofereciam também modestas contribuições econômicas. Sua população era selvagem, pois os próprios europeus que se embrenhavam em suas selvas, dentro em pouco, viviam como tapuias. Quando João da Maia da Gama se refere às depredações perpetradas por Domingos Afonso Serra, por ordem de seu tio, que “os tapuias quiseram queimar a Igreja”.<sup>19</sup> Mas, em verdade, já não havia índios no Piauí, para de conta própria fazer investidas daquela natureza. Foram portugueses que quiseram queimar a Igreja á frente de escravos e provavelmente de meia dúzia de mamelucos que lhes obedeciam.

Eram mínimas as possibilidades desse pedaço do Brasil e já o tropel dos desbravadores buscava as *grupiaras* e *faisqueiras* das Minas Gerais. “Lá por 1696 fazem-se as primeiras descobertas positivas de ouro no centro do que hoje constitui o Estado de Minas Gerais (onde atualmente se acha a cidade de Ouro Preto)”<sup>20</sup>

Portugal grelava apenas a mineração. Que lhe importavam esses rústicos vaqueiros que, para não andarem nus, se vestiam de couro?

Ficou-nos, entretanto, aquele documento escrito há quase três séculos às margens do Mocha. São as primeiras páginas de nossa história. É também nossa primeira geografia. Narra a vida daqueles primitivos habitantes, como se vestiam, como se alimentavam, como trabalhavam. Fala-nos de sua bravura e ainda de sua penúria; e também de suas fraquezas e das esperanças de enriquecimento. Descreve a terra, suas pastagens nativas, seus rios, suas lagoas, seus frutos silvestres. Faz um recenseamento demográfico e também econômico. Cadastra todas as suas fazendas de gado. Mostra-nos seu comércio incipiente. De tudo aquilo, avulta hoje a capacidade de cometimentos e realizações daqueles homens, silenciada pelo P. Carvalho e não sentida ou compreendida pela Corte.

Causa-nos surpresa o êxito de tamanho empreendimento sem o bafejo oficial e tão longe da civilização litorânea donde emanou e da qual dependia. Aqueles homens insulados por *caatingas* e matas inóspitas, em mui pouco tempo, assentam as mais sólidas bases da economia do Piauí. Fundam fazendas às margens dos principais afluentes e subafluentes do Parnaíba, numa extensão linear de muitos milhares de quilômetros. Longá, Poti, Canindé, Itaueira, Gurguéia e muitos tributários desses rios estavam povoados de gente e rebanhos, desde as suas cabeceiras às suas confluências, num trabalho silencioso, sem

estardalhaços. Não houve, como em outras partes, a *razia* dos aliciados pelas autoridades da Colônia, sob o estímulo da Corte. Se houve, a princípio, o incentivo de magnatas do litoral, em pouco os vaqueiros se libertam daquelas influências que, em verdade, contribuíram para a colonização. Essa contribuição, entretanto, projetou-se como causa favorável apenas nos primórdios do povoamento. Em pouco, tornou-se prejudicial. Quando o Piauí aparece com esse documento, já era sentido o rompimento entre posseiros e sesmeiros.

Parece que, daqueles magnatas, esteve na bacia do Parnaíba apenas Domingos Afonso Sertão (também conhecido por Mafrense), e isso mesmo em contatos passageiros. Seus parentes não alcançaram nível de preponderância. Nesses primeiros dias de 1697, estava ele assinando, ao lado de Sebastião da Rocha Pita, as mesmas atas do Senado da Câmara da Bahia. Aí, pelo menos, estava ele desde os primeiros dias desse último decênio do século XVII.<sup>21</sup> Tinha aqui seus prepostos, como outros também tiveram. Eram os seus procuradores que tanta pressão exerciam naqueles vaqueiros, como nos informam os cronistas seus contemporâneos.

Quando o P. Carvalho escreveu sua *Descrição*, já os moradores do Piauí mantinham relações com Ibiapaba e S. Luís, e de seus rebanhos saíam sementes para o

desenvolvimento da pecuária do Maranhão e Ceará. Em dezembro de 1696, em companhia de alguns moradores do Piauí, de Ibiapaba vieram os padres jesuítas Ascenso Gago e Manuel Pedroso, ambos paulistas, <sup>21ª</sup> penetrando o Piauí numa extensão de cerca de cinquenta léguas. Reco-lheram-se à Ibiapaba em janeiro de 1697, <sup>22</sup> depois duma desobriga de dezoito dias em que se fizeram centenas de confissões e comunhões. Por esses dias também transitava pelo Piauí, em companhia de moradores que foram a S. Luís pedir datas de pastos para seus currais, o Dr. Manuel Nunes Colares que tinha sido nomeado desembargador da Relação da Bahia, para onde seguia a fim de tomar posse. <sup>23</sup> O P. Carvalho deve ter mantido entendimentos com o magistrado e os padres jesuítas.

Estes, no regresso, levaram algum gado com a intenção de povoar as terras do Longá. <sup>24</sup> A mesma coisa faziam homens de negócios, vindos do Maranhão, que traziam redes, panos, cuias que trocavam por vacas, com o propó-sito de as levarem para aquela região de além-Parnaíba. <sup>25</sup> Que havia também o comércio de sal, vindo do Ceará para permuta por gado, não há contestação, embora se conteste, com fundamento, que Ascenso Gago se tenha comprometido nessas transações. <sup>26</sup>

Já em 1694, o P. Miguel Carvalho missionava na bacia do Parnaíba, em companhia do P. Felipe Bourel,

que recentemente chegara de Coimbra e vinha da Bahia, para, nos sertões do rio S. Francisco e Piauí, receber “o seu batismo de Brasil”.<sup>27</sup>

Com uma comitiva de 42 pessoas, partiram do Canindé para Parnaguá, numa viagem cansativa, pois, só ao longo do Gurguéia, gastaram 16 dias.<sup>28</sup> Nessa ocasião, tiveram “comunicação com os padres do Maranhão, de que resultou mandar o Governador daquele Estado dizer a El-rei que se achara novo caminho entre o Maranhão e o Brasil. Dentro do Piauí andou (o P. Bourel com seu companheiro), pelo menos, pelos rios Canindé, Piauí, Parnaíba e Gurguéia até Parnaguá”.<sup>29</sup>

Só isso bastaria para dar crédito e autoridade ao P. Carvalho, em assuntos referentes ao Piauí. Ele mesmo afirma: “Há quatro anos que ando sempre de viagem em contínua lida, visitando estes moradores sem me ficar rio, riacho, fazenda ou parte nomeada neste papel que não tenha visto ou andado”.<sup>30</sup>

O Piauí tinha então em seus principais rios, riachos, brejos e lagoas, “cento e vinte e nove fazendas de gados, em que moram quatrocentos e quarenta e uma pessoas entre brancos, negros, índios, mulatos e mestiços. Mais alagoas e olhos-d’água tem, em que moram algumas pessoas que por todas as de sacramento fazem número de seiscentos e cinco em que entra um arraial de paulistas

com muitos tapuias cristãos”.<sup>31</sup> Parece-nos que o total é 605. Desse número, subtraídos os 438 esparsos pelas fazendas, teremos 167 para o Arraial dos Paulistas e mais alagoas e olhos-d’água. O número é muito pequeno para tão grande extensão territorial. Era uma nebulosa demográfica, sem nenhum núcleo de ponderável densidade.

Está situado “no meio do sertão que se acha entre o rio S. Francisco e a costa do mar que corre do Ceará para o Maranhão”. “Confina pelo Nascente com os sertões desertos que correm para Pernambuco pelos quais se não tem descoberto caminho nem se vadeiam em razão dos muitos gentios bravos que nele habitam”. “Para o poente confina com os matos desertos que correm para as Índias de Espanha pelas quais não há caminho nem se sabe de seu fim”. “Para a parte do Norte confina esta povoação com a costa do mar, correndo do Ceará para o Maranhão, para a qual tem dois caminhos”. “Para a parte do Sul confina esta povoação com o rio de S. Francisco para a qual tem dois caminhos”.<sup>32</sup>

Vejamos agora as vias comunicatórias para a parte do Norte, abertas em 1695. Uma vai ao Maranhão, outra à Serra de Ibiapaba, que dista 20 léguas da última fazenda do Longá. Já a do Maranhão tem um percurso de noventa léguas. (Não nos esqueçamos, entretanto, que, de 1656 a 1662, o P. Vieira e outros jesuítas, e também soldados, e

antes destes ainda outros, foram de S. Luís à Ibiapaba, alguns prosseguindo até o litoral de Leste). Para o Sul, isto é, para a Bahia, há também dois caminhos, “com distância igual de quarenta léguas cada um por entre matos desertos em que não se acha água no tempo da seca”.<sup>33</sup> O primeiro segue o curso do Piauí, até sua última fazenda chamada Tabuleiro Alto. Atravessa, então, o *chapadão* que serve de divisor de águas e alcança o S. Francisco na fazenda Sobrado, dez léguas acima de Santo Sé. “O segundo caminho se abriu da cabeceira do Canindé, e vai sair na cachoeira do rio S. Francisco chamada de Domingos Afonso (certamente uma das corredeiras que ficam no trecho encachoeirado, acima de Juazeiro e a que um Domingos Afonso, ligado à região, teria dado nome por circunstância ainda ignorada), tem quase as mesmas distâncias, os mesmos desertos, porém com menos matos, e o caminho com menos pedras”.<sup>34</sup>

Nenhum caminho do Parnaíba ao S. Francisco, pelo Gurguéia. Presumimos que têm errado os que afirmam que a penetração colonizadora do Piauí começou por esse rio. Seus currais lhe vieram do Canindé, através do Mocaitá e do Itaeira, pela estrada indicada pelo cronista em que nos apoiamos. Seu curso superior estava ainda abandonado e de sua confluência com o Parnaíba, onde estava Sítio Real até Serra Vermelha, estendiam-se todas

as fazendas num percurso apenas de 32 léguas. Se em 1694, o P. Miguel Carvalho foi a Parnaguá, já não registrou em 1697, Parnaguá como fazenda.

Daquelas 129 fazendas de gados a que se refere o P. Carvalho, umas são administradas pelos próprios donos em sítios que arrendam a de mil réis de foro cada um a Domingos Afonso Sertão e Leonor Pereira Marinho, esta, no momento, representante dos Ávilas. Outras (e entre estas algumas eram de Mafrense) são administradas por vaqueiros que, “de 4 cabeças que criam lhes toca uma ao depois de pagos os dízimos; são obrigados quando fazem partilhas a entregar ao senhor da fazenda tantas cabeças como acharam nela quando entraram”.<sup>35</sup> Certamente a partilha era sobre as reses que excediam o número das que foram primitivamente recebidas pelo vaqueiro.

Mais fácil será estudar a situação do Piauí naquela época, com a adoção de quadros que nos proporcionem uma visão de conjunto e nos possibilitem um confronto sob os aspectos que julgamos mais interessantes.

Assim, vejamos o primeiro quadro organizado de acordo com as informações do P. Miguel Carvalho. Abraça todo o conjunto do Piauí, isto é, os rios Canindé, Gurgueia, Itaueira, Itaim-Açu (Poti) e Maratauã, como era então conhecido o Longá.

	Nº fazendas	Hab. Brancos	Hab. Negros	Hab. Índios	Hab. Mestiços	Hab. femininos	Total habitantes
CANINDÉ	68	84	115	36	8	28	243
ITAIM-AÇU (POTI)	36	45	63	25	-	10	133
ITAUEIRA	9	10	14	2	-	-	26
MARATAUÃ	9	8	12	1	-	-	21
GURGUÉIA	7	8	7	-	-	-	15
<b>TOTAL</b>	<b>129</b>	<b>155</b>	<b>211</b>	<b>64</b>	<b>8</b>	<b>38</b>	<b>438</b>

Destaca-se logo o Canindé com mais de metade das fazendas (68) e mais de metade dos moradores (243); depois vem o Poti (Itaim-Açu) com 36 fazendas e 133 moradores; Itaueira, com 9 fazendas e 26 moradores; Maratauã, com 9 fazendas e 21 moradores, e finalmente Gurguéia, 7 fazendas e 15 moradores. Temos, então, respectivamente, os totais de 129 e 438.

Para perfazer o total de 441 a que se refere o P. Carvalho, faltam três moradores. São eles Siqueira e seus dois auxiliares, Nunes e Oliveira, que estão no Arraial dos Paulistas, onde hoje fica Valença, ou suas proximidades. Excelente posição estratégica era o arraial para acorrer aonde quer que se fizesse necessária a assistência militar na vasta bacia do Parnaíba. Ainda estava bem localizado, porque ficava bem próximo do aldeamento dos *Aroás*,

índios amigos e dos mais bravos da região do Norte. Nesses índios se apoiava Francisco Dias de Siqueira. Encontramo-los agindo no Maranhão, no Açú e em Palmares, às vezes, junto aos *Tabajaras* e *Cupinharões*, outrora junto aos *Guanarés* e *Barbados*.<sup>36</sup> Certamente entre eles foram também recrutados auxiliares de Comando. Nos momentos de mobilização, convocavam-se os fazendeiros das proximidades do Arraial. Na ata da fundação da capela já figuram algumas patentes de capitão e alferes.

Analisemos o quadro sob outros aspectos. Vemos logo que os negros predominavam quantitativamente por toda parte. Menos no Gurguéia em que há 8 brancos para 7 negros. Era rio que se começava a colonizar.

Avulta ainda mais a disparidade numérica entre homens e mulheres; apesar de se incluírem entre estas as de menor idade, encontramos apenas 38, das quais 28 no Canindé, e 10 no Poti. No resto, ausência completa de mulheres. No Gurguéia, no Itaueira, no Maratauã (Longá) nenhum representante do sexo feminino.

Como seria insípida a vida daqueles homens (são 400 os representantes do sexo masculino), celibatários, a cuidar dos rebanhos, a buscar subsistência na flora e na fauna que espontaneamente medravam naquelas ribeiras, a preparar seu alimento que consistia em frutos silvestres, mel, laticínios. Se era carne, quase sempre era carne de peixe

ou de animais selváticos que, à falta de panela, comiam *moqueada* ou assada no espeto de pau. No começo, era poupado o rebanho, não somente por economia, mas porque havia abundância de caça e peixe. Já estavam, entretanto, a comer de seus rebanhos. Tanto assim, diz o cronista, que “comem estes homens só carne de vaca, com lacticínios e algum mel...”<sup>36-A</sup>

Que seria daquele Cap. Antônio Nunes, de Poções de S. Miguel, que já conhecemos a assinar aqueles termos que oficializaram a fundação de nossa primeira capela, a viver sozinho, sem companhia alguma? A fazenda mais próxima Canindé abaixo era Campo Grande que ficava a três léguas e onde vivia Antônio Bento em companhia dum negro. Subindo o rio, teria Boqueirão, distante seis léguas, e onde também vivia Manuel Alves, com três negros.<sup>37</sup>

Daquelas 38 mulheres, pelo menos 27 eram indígenas, 3, já mestiças, 7 eram negras e uma talvez branca, D. Mariana Cabral, única da qual conhecemos o nome, privilégio que nos parece só concedera o P. Carvalho aos indivíduos brancos, ou melhor *mamelucos*. Abrira exceção para homens de cor casados, ou que administrassem fazendas, os quais indica nominalmente. Era Mariana Cabral mulher de Domingos de Aguiar, único homem branco casado e morador com sua esposa no Piauí. Esse vivia em Belo Jardim de S. Cruz, do rio S. Vitor, tributário do Poti.<sup>38</sup>

Também das 38, 5 eram casadas. As outras, mal entravam na pubescência, prostituíam-se e ternar-se-iam, quando muito, amásias dos vaqueiros. Dessa forma, seus filhos seriam puros índios ou então *mamelucos* ou *cafuzes*. Esse tipo, a princípio, deveria ser o que predominava entre as crianças, pois já havia três ou quatro negros casados para um branco. Mesmo, no conjunto, os negros eram mais numerosos. E quase todas as mulheres eram indígenas.

Do Piauí, em pouco, poderia dizer-se o que já dissera o P. Francisco Pires, com referência ao Espírito Santo: “Mas nesta terra tudo é vergôntes novas e mais farpadas, cujo fruto é imperfeito, como são *mamelucos*”.<sup>39</sup> Em nosso caso, a princípio, deveria ter dominado o cafuz. Contudo, escreveram belas páginas da História.

Em todas as fazendas do Piauí, havia apenas 64 índios. Como acabamos de ver, 27 das mulheres eram indígenas. Assim, do sexo masculino, deveria haver 37 indivíduos, e, entre esses, alguns de menor idade.

Havia também o Arraial dos Paulistas, com seus *Aroás*, e ainda a aldeia desses silvícolas poucas léguas distante, em rumo do Norte. Afora os já conhecidos, o P. Miguel Carvalho nos dá notícia dos *Tremembés* que ficavam no litoral, e viviam de paz com os Brancos, ou então dos tapuias bravos, ou comedores de gente branca, dos quais apenas se tinham notícias.

Não nos fala ele dos Jaicós, como já pacificados. Talvez os índios que viviam nas fazendas do Canindé, especialmente nos tributários desse rio, em seu curso superior, fossem os remanescentes dos *Cupinharões* que outrora viveram de paz com os brancos e que, agora, debandados, tinham feito danos nas povoações, provavelmente nos rebanhos que começavam a crescer.<sup>40</sup>

Dessa forma, nos primeiros dias foi pequena a contribuição indígena como fator de formação étnica, apesar de ser quase de exclusiva origem ameríndia o elemento feminino para procriação. Isto porque, nos núcleos de população já assinalados nas fazendas que se distribuíam por toda a bacia oriental do Parnaíba, era quase nula sua representação, como vimos. Nessa ocasião predominavam os negros. O Canindé e o Poti tinham respectivamente 36 e 25 índios, distribuídos em suas esparsas fazendas que se elevavam a 104. O Itaeira e o Maratauã têm respectivamente 2 e 1. O Gurguéia nenhum. Para melhor sentir a verdadeira situação sob esse aspecto, basta saber que das 129 fazendas de gados, apenas 31 têm representantes desse tipo racial.

Onde estava o indígena piauiense? Esses vaqueiros temerários, que tinham vida *robinsônica* como diz Taunay, já haviam estendido seus currais numa extensão longitudinal de muitos milhares de quilômetros, conquistando quase toda a bacia oriental do Parnaíba, numa superfície

de muitos milhares de quilômetros quadrados. Excluindo o alto Parnaíba e Urucuí, estava toda conquistada. Tranquilamente viviam aqueles solitários vaqueiros cuja paz só por vezes era perturbada pela passagem temerosa dos indígenas que, expulsos do S. Francisco, desmoralizados, furtivamente buscavam, através do Piauí, os vales dos rios goianos e maranhenses. Os esquadrões dos paulistas estavam atentos, prontos a desfechar seus golpes mortíferos nessas hordas de nômades guerreiros. Não lhes davam pouso. Iam deixá-los longe das fazendas onde não pudessem depredar as sementeiras dos currais.

Havia propósito de só aproveitá-los em necessidades de emergência. Serviam-lhes as mulheres de prostitutas ou quando muito de amásias, enquanto os homens, a desgastar-se, constituíam a força com que esmagariam o próprio índio e que depois se degradavam e se aniquilavam na corrupção e penúria dos aldeamentos.

O P. Carvalho chega a enumerar 36 tribos “de tapuias bravos que têm guerra com os moradores da nova freguesia de N.S. da Vitória” e anuncia as regiões que ocupam. Ficam geralmente fora do Piauí, ou nas zonas piauienses ainda não ocupadas pelos vaqueiros. Outras, em menor número, perdem-se pelas zonas já devassadas.<sup>41</sup>

O Poti e o Canindé estavam povoados de colonos e gados, e a presença de índios de corso aí é nula. Itaueira

estava mais ou menos desbravado e também não tinha índios de corso. Estes incontestavelmente deveriam ser encontrados no Longá e no Gurguéia, rios ainda não de todo conquistados. Mesmo assim deveriam ser pequenas *malocas*, sem capacidade para a luta, senão para o furto. Posteriormente foram completamente eliminados sem nenhum poder de resistência.

Em verdade, a região do Longá não estava conquistada: começava a ser penetrada. O P. Carvalho nos faz conhecer suas primeiras fazendas, seus rios, bem como o nome de seus principais habitantes. Ele nos diz, depois de descrever o Maratauã e o Bitorocara (como era, então, conhecido o Piracuruca), que “muito mais sítios se têm descobertos nestas terras dos *Alongás* para se lhes meterem gado o que brevemente se fará porque andam os moradores à competência qual tomará primeiro posse deles...” Notícia ainda que os jesuítas de Ibiapaba haviam conduzido gado para povoar aquelas terras quando estiveram em desobriga pelo Piauí.<sup>42</sup>

Mas pormenorizadamente, sobre essa conquista, nos fala o próprio Ascenso Gago, que no Piauí estivera em missão apostólica. Em sua *Carta Ânua de 25 de julho de 1697*, ele informa que nos últimos dois anos fizera paz “com três nações de tapuias a saber: com os *Quiratiús*, com os *Quitaiáus* e com os *Ocongás*...”. Os *Quiratiús*, ou

melhor os *Crateús*, estavam em guerra com outros tapuias e vinham sofrendo grandes perdas, enquanto “os *Quitaiiaús*, e os *Ocongás* perturbaram-nos os povoadores da Casa da Torre, que como zelam mais os seus gados, que o bem das almas, situaram neste verão alguns currais nas suas terras, que ficam ao pé desta Serra, para a parte do Sertão, pelo que se retiraram delas os ditos tapuias, e se foram para o rio Pará ou Parnaíba, que fica daqui distante, e os caminhos dificultosos, pela qual razão não nos é fácil já a comunicação com estas nações”.

“Intentam mais estes homens passar a Serra, e em um saco ou enseada de terra, que há daqui até o mar, povoar cinco ou seis sítios, que há capazes de gado, não obstante serem as ditas terras não só destes índios, mas também das nações do tapuia *Reriiú* e do tapuia *Acomgaçu*, que nelas habitaram sempre, e os anos atrás agregamos a esta missão; e com consentimento de uns e outros, temos arrumado na mesma terra a nação dos *Aqueduçuguaras* e a nação dos *Quiratiús*, que pacificamos neste ano”.<sup>43</sup>

Os *Crateús* já não estavam nesta ocasião, quando pacificados, no rio Poti; daí já haviam sido expulsos. Estavam mais para o Norte, donde são retirados pelos jesuítas, como acabamos de ver. O mesmo já havia ocorrido com os *Alongás* e os *Anaçus*, que, segundo o P. Carvalho, se retiraram para Ibiapaba com medo dos brancos.<sup>44</sup>

Parece que menos tumultuado estava o Gurguéia, apesar de Gregório de Barros, que mora apenas com um negro, na fazenda Barreiras, ter “pendenciado valorosamente com o tapuia *Precatis* muitas vezes chegando 3 (?) abraços com eles”.<sup>45</sup>

Esse rio já tem sete fazendas ao longo de seu curso, das quais a mais isolada é o Sítio Real, onde vive Álvaro Velho em companhia dum negro. Sítio Real, que está localizado na foz do Gurguéia, tem como fazendas mais próximas Sítio das Manganas (talvez Mangabas), também nas margens do mesmo rio, 20 léguas acima, e Santa Rosa, na foz do Canindé, também guardando, mais ou menos, a mesma distância.

Informa ainda o P. Carvalho que o Gurguéia e o Parnaíba não têm aumentado sua população por causa do gentio bravo que vive sempre em guerra com os moradores das fazendas que procuram meter gados em novos sítios. Acrescenta ainda com referência ao primeiro desses dois rios que, em virtude da abundância de “frutos agrestes”, “naquela terra habitam muitos tapuias, os mais bravos e guerreiros que se acham no Brasil”.<sup>46</sup>

Contudo, aqueles solitários vaqueiros da Bacia do Parnaíba não eram molestados em suas atividades. A história registra depredações feitas muito posteriormente, quando no levante geral dos aborígenes que teve seu

início em 1712. Esse movimento atingiu especialmente o Maranhão e Ceará, e o Norte do Piauí. Os movimentos que se manifestam um pouco mais tarde têm apenas reflexos no Piauí, porque são fora de suas fronteiras, ou então, ao longo do Gurguéia, ou cabeceiras do rio Piauí, quando os índios, acossados no S. Francisco, buscam Goiás e Maranhão. A verdade é que já não havia índios, senão por ouvir dizer. Já eram eles bem poucos. Se o P. Miguel Carvalho pessoalmente houvesse topado com alguns nas suas longas peregrinações, certamente teria narrado o fato como fazia sempre o viajante que se tornara cronista naqueles tempos. Positivamente jamais os viu, porque não existiam. Havia os silvícolas a que se refere, isto é, os do Arraial dos Paulistas, os dos aldeamentos dos *Aroás* e dos *Tremembés* e aqueles que se distribuía nas fazendas, os quais ele definitivamente os viu. Os outros viviam apavorados com os paulistas. É o que se depreende dos papéis da época.<sup>47</sup>

Francisco Dias de Siqueira e seus paulistas, amparados nos *Aroás*, constituíam uma garantia de paz para toda a bacia do Parnaíba e terras circunvizinhas. Só o alto Parnaíba e o rio Uruçuí estavam em poder dos indígenas. Em rumo do litoral, para além de Ibiapaba, estava Matias Cardoso a intimidar os aborígenes da região litorânea, com ascendência também sobre os da região central. Ascenso

Gago apoiava-se, por vezes, na palavra rígida do guerreiro temido desses gentios, quando via a ineficácia de sua filosofia para reduzir a indisciplina e deslealdade de caciques como D. Simão Taminhobá.<sup>48</sup>

\* \* \*

No primeiro quadro que apresentamos, fizemos um confronto dos principais rios cuja colonização já tinha sido iniciada. Foi um confronto da distribuição das fazendas de gados então existentes, bem como da primitiva população que serviu de origem para o crescimento demográfico da bacia oriental do Parnaíba. Foi um estudo de conjunto. Vimos a fixação dos currais que seriam a mais importante contribuição econômica do Piauí, porque seus produtos se tornariam o mais duradouro recurso de subsistência de sua população e também os mais duradouros produtos concorrentes de suas transações comerciais. A princípio, esses produtos, especialmente o boi vivo, eram vendidos para as capitâneas vizinhas: mais tarde, também para as longínquas e, com a exclusão do boi vivo, até mesmo para o exterior.

Iremos ver novos quadros que registram a distribuição das fazendas e dos moradores nos diferentes tributários de cada um daqueles afluentes do Parnaíba.

Desses afluentes, o mais notável é o Canindé, em cuja bacia encontramos doze nomes de subafluentes e tributários destes, com as primeiras sementes de gados e colonos.

	Nº fazendas	Hab. Brancos	Hab. Negros	Hab. Índios	Hab. Mestiços	Hab. femininos	Total habitantes
CANINDÉ	20	25	29	1	1	2	56
ITAIM, AF. CANINDÉ	7	10	15	-	2	1	27
GUARIBAS, AF. ITAIM	6	8	8	6	-	2	22
FRADE, AF. ITAIM	1	1	1	1	-	-	3
SERRA TALHADA, AF. CANINDÉ	1	1	1	-	-	-	2
CORRENTE, AF. CANINDÉ	1	2	3	-	-	-	5
MOCAMBO, AF. CANINDÉ	1	1	1	1	-	1	3
BURITI, AF. CANINDÉ	1	-	1	6	-	6	7
TRANQUEIRA, AF. CANINDÉ	5	7	14	1	1	4	23
PIAUI, AF. CANINDÉ	20	23	36	9	3	8	71
POBRE, AF. CANINDÉ	1	1	1	1	-	-	3
MOCAITÁ, AF. PIAUI	3	4	4	9	1	4	18
BOA VISTA, AF. CANINDÉ	1	1	1	1	-	-	3
<b>TOTAL</b>	<b>68</b>	<b>84</b>	<b>115</b>	<b>36</b>	<b>8</b>	<b>28</b>	<b>243</b>

Na distribuição de suas 68 fazendas, avultam logo Piauí, Itaim, Guaribas, Tranqueiras e Mocaitá que têm respectivamente: 20, 7, 6, 5 e 3. Se for a distribuição de seus 243 habitantes, os mesmos afluentes e tributários destes, têm respectivamente 71, 27, 22, 23 e 18. Nota-se logo que o Canindé propriamente, artéria principal dessa bacia subsidiária do Parnaíba, se tem igual número de fazendas que o Piauí, tem, entretanto, menor população, pois seus moradores são apenas 56. Ocorre, porém, que o Piauí quase não tem afluentes. Há ainda Frade, Serra Talhada, Corrente, Mocambo, Buriti, Pobre e Boa Vista (esses dois últimos são olhos d'água), com uma fazenda cada um. Têm respectivamente os seguintes moradores: 3, 2, 5, 3, 7, 3 e 3. Fazendas e moradores totalizam respectivamente 68 e 243.

O Guaribas e o Frade são tributários do Canindé através do Itaim. Mocaitá é afluente do Piauí.

Afora o Piauí, como afluente do Canindé, o mais importante é o Itaim. Com seus tributários, tem quatorze fazendas e 52 habitantes, entre os quais, 24 negros e 7 índios. Já o Piauí e seus tributários têm 23 fazendas e 89 habitantes, entre os quais 40 negros e 18 índios. Há doze mulheres.

Estudemos agora a bacia do Poti que se apresenta com onze afluentes e tributários destes.

	Nº fazendas	Hab. Brancos	Hab. Negros	Hab. Índios	Hab. Mestiços	Hab. femininos	Total habitantes
ITAIM-AÇU (POTI)	9	10	14	9	-	4	33
CANA-BRAVA, AF. ITAIM	2	2	7	-	-	2	9
CAIS, AF. ITAIM	2	2	2	-	-	-	4
TAPUIAS, AF. CAIS	3	4	5	2	-	-	11
BERLENGAS, AF. ITAIM	3	3	4	2	-	1	9
S. ANTÔNIO, AF. ITAIM	1	1	1	-	-	-	2
S. VÍTOR, AF. ITAIM	4	8	8	4	-	1	20
S. NICOLAU, AF. S. VÍTOR	4	4	6	3	-	1	13
VITÓRIA, AF. S. NICOLAU	1	1	2	-	-	-	3
SERRA NEGRA, AF. S. NICOLAU	1	1	2	-	-	-	3
S. VICENTE, AF. S. VÍTOR	4	5	9	-	-	-	14
S. CATARINA, AF. S. VÍTOR	2	4	3	5	-	1	12
<b>TOTAL</b>	<b>36</b>	<b>45</b>	<b>63</b>	<b>25</b>	<b>-</b>	<b>10</b>	<b>133</b>

O Poti propriamente, que é a artéria principal, tem nove fazendas e trinta e três habitantes. Têm 4 fazendas cada um o S. Nicolau, o S. Vítor e S. Vicente, que têm

respectivamente 13, 20 e 14 moradores. Têm 3 fazendas cada um o Tapuia e o Berlingas que têm respectivamente 11 e 9 moradores. Os outros seis rios têm conjuntamente 9 fazendas e 23 moradores. Totalizando, temos respectivamente 36 e 133.

O mais importante afluente do Poti é o S. Vítor que, com seus tributários, se apresenta com 16 fazendas e 65 habitantes, entre os quais 30 negros e 12 índios. Do S. Vítor ou de seu tributário S. Vicente, passa-se da bacia do Poti para a do Canindé. Foi esse o caminho seguido por João da Maia da Gama, conforme vemos em seu *Diário da Viagem*<sup>49</sup>. Vejamos agora o Itaueira.

	Nº fazendas	Hab. Brancos	Hab. Negros	Hab. Índios	Hab. Mestiços	Hab. femininos	Total habitantes
ITAUEIRA, AF. GUARIBAS	4	5	5	2	-	-	12
GUARIBAS, AF. ITAUEIRA	3	3	4	-	-	-	7
LAGOAS, AF. ITAUEIRA	2	2	5	-	-	-	7
TOTAL	9	10	14	2	-	-	26

O Itaueira tem 4 fazendas e 12 moradores e conflui para o Guaribas que tem 3 fazendas e 7 moradores. Nas vertentes desse último riacho, diz o P. Carvalho que há umas lagoas com 2 fazendas e 7 moradores. Totalizam 9 e 26.

Como já vimos, não há mulher e há apenas 2 índios. São 10 brancos para 14 negros. Vem agora o Maratauí.

	Nº fazendas	Hab. Brancos	Hab. Negros	Hab. Índios	Hab. Mestiços	Hab. femininos	Total habitantes
MARATAUÃ	4	4	4	-	-	-	8
COBRAS, AF. MARATAUÃ	2	1	3	-	-	-	4
BITOROCARA, AF. MARATAUÃ	3	3	5	1	-	-	9
TOTAL	9	8	12	1	-	-	21

Esse rio tem 4 fazendas e 8 moradores, e seus afluentes Bitorocara e Cobras têm respectivamente 3 e 2 fazendas e 9 e 4 moradores. Totalizam 9 fazendas e 21 moradores. Como o anterior e o que se lhe segue, não tem mulheres.

Finalmente aparece o Gurguéia que tem iniciada a colonização apenas na artéria principal com 7 fazendas e 15 moradores.

\* \* \*

Assunto importante que reclama atenção dos que se interessam pelas cousas do Piauí, é o estudo de seus topônimos dos primórdios da colonização.

Identificar em nossos dias os topônimos designativos dos rios, serras, fazendas do primeiro e segundo séculos de nossa história, localizar os acidentes geográficos conhecidos naquela época, é trabalho que demanda não apenas erudição, mas sobretudo meticulosa paciência.

Já vimos que o Poti foi conhecido do P. Carvalho com a designação de Itaim-Açu. Mas vimos também que já naquela época havia naquele rio uma fazenda com o nome de Poti. Procuramos encontrar a denominação de Itaim-Açu, indicada pelo P. Carvalho, noutros autores e não encontramos. Tivemos o cuidado de examinar a Carta Geográfica de Galúcio. Levantada em 1761, a de 1809, baseada na anterior, corrigida, aumentada por José Pedro César de Menezes, com a supervisão de Carlos César Burlamaque, bem como a de 1828, elaborada segundo as cartas manuscritas de José Pedro César de Menezes e Matias José Pereira da Silva, por Schwarzmamm e Martius, e nenhum registro achamos de Itaim-Açu.

Recorremos também aos catálogos de Cartas de Sesmarias, e cousa alguma achamos que confirmasse a informação do P. Carvalho. Fomos, porém, encontrar no Índice das Datas e Posses de Terras do Registro Eclesiástico de 1854, organizado e publicado por Anísio Brito, o designativo de Itaim aplicado a sítio, fazenda e rio, nos municípios

de Marvão (Castelo) e Príncipe Imperial (Crateús), banhados pelo rio Poti.<sup>50</sup>

Não tivemos oportunidade de verificar os próprios livros de registros onde certamente colheríamos informações mais amplas.

Melhor notícia fomos achar no Mapa Parcial do Estado do Piauí, organizado pelo Engenheiro Horácio L. Small, e publicado pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, em 1914. Esse mapa registra o rio Itaim, que recebe na altura de Crateús vários afluentes e que se fosse considerado como o rio principal, mais longo curso teria o rio Poti. Provavelmente terá maior volume d'água que os outros tributários.

No mapa organizado pela Diretoria da Agricultura, Viação e Obras Públicas, do Estado do Piauí, pelo Engenheiro Civil L. M. Ribeiro Gonçalves, e desenhado por Raimundo Eduardo, o Itaim aparece como o mais importante dos tributários que confluem para a formação do Poti, em seu curso superior, em território do Ceará.

Não é duvidoso que a designação de Itaim tenha tido outrora extensão a toda a bacia do Poti, ou mesmo as duas designações concomitantemente tenham sido usadas para o mesmo rio.

O sufixo *açu* deveria ter sido aplicado pelo P. Carvalho para estabelecer a distinção do outro rio Itaim descrito

também por ele, e, na época, como vimos, afora o Piauí, o mais notável afluente do Canindé.

Também o topônimo *Longá*, como designativo de rio não aparece na *Descrição* do P. Carvalho. Encontramos o Maratauã como rio principal da bacia a receber, como tributários, o Cobras e o Bitorocara, que tudo indica ser o atual Piracuruca. No grande ângulo formado pelo Maratauã e pelo Bitorocara, parece ainda não era conhecido o rio que se tornaria a principal artéria e que posteriormente receberia a designação de Longá, a qual se estenderia ao baixo curso até a confluência com o Parnaíba. No ângulo ainda inexplorado deveria haver remanescentes de indígenas que, expulsos do Poti, certamente exerceram pressão nos *Longás* que anteriormente ocuparam o vale desse rio ao qual ligaram seu nome.

Merece também atenção, sob esse aspecto, o Itaueira, que figura como tributário dum rio Guaribas que era, então, o principal.

A descrição que do Guaribas nos dá o P. Carvalho, identifica esse rio com o atual Itaueira, pois em nossos dias esse é o curso d'água que nos conduz às grandes lagoas a que se refere. Ainda mais, nas margens de uma dessas lagoas, encontramos em nossos dias o povoado Rio Grande, e nas proximidades deste uma região Salinas, com povoado de idêntica denominação. Seriam as mesmas fazendas descritas pelo P. Carvalho? Diz ele:

“Perto das cabeceiras deste riacho (para ele, o Guaribas, para nós, o Itaueira) estão umas lagoas muito grandes à beira das quais estão as fazendas seguintes:

- A primeira se chama Rio Grande, está nela Francisco Fernandes de Lima com 3 negros, dista da que se segue 7 léguas.
- A segunda se chama as Salinas, está nela Manuel Pereira com 2 negros, é a última destas lagoas e por elas se segue o caminho para o Gurguéia”.<sup>51</sup>

Se for como presumimos, todas as fazendas, ou quase todas estariam nas margens do Itaueira, e Guaribas não teriam talvez nenhuma fazenda. Efetivamente consigam os atuais mapas um único tributário do Itaueira e isso mesmo de pequeno curso. E ainda esse tributário, que tem em seu vale a fazenda Guaribas, fica na margem direita, bem próximo do Parnaíba. Dão-lhe o nome de *Paracati*. Teriam estado aí os *Precatis*? Ou ainda, *Precatis* seria uma deturpação de *Paracati*? Afora esse rio, há pequenas grotas ou veredas.<sup>52</sup>

A *Descrição* nos informa também: “Entre estas duas fazendas (refere-se a Rio Grande e Salinas) se acham sete ou oito lagoas grandes de que se tira sal quase semelhante ao do Reino, e sua água é mais salgada do que a do mar porque metendo-se na boca a deixa em feridas de carne

viva, acha-se nelas o sal em pastas, como tijolos; e entre elas se acham outras de água doce à beira das quais estão as fazendas”.<sup>53</sup>

O topônimo *Salinas* encontramos em nossos dias, não só nas cabeceiras do Itaueira onde estão as lagoas, como também nas cabeceiras do Mocaitá, bem próximo um do outro. Os depósitos de sal certamente foram destruídos pela erosão. Pelo Mocaitá, nessas alturas, passava-se do rio Piauí para o Itaueira e deste para o Gurguéia, como vimos.

Ainda uma cousa: no subsolo dessa região não poderão ser descobertas jazidas ricas em potássio?

Cousa interessante: na toponímia piauiense predomina o vernáculo; é pequena a contribuição de nomes indígenas. São bem poucos também os topônimos que têm origem no hagiológico cristão.

\* \* \*

Não havia, então, agricultura no Piauí, nem mesmo a de subsistência. Isto se deduz da informação que nos dá o P. Miguel Carvalho sobre a alimentação dos vaqueiros: “...comem estes homens só carne de vaca, com laticínios e algum mel ...”.<sup>54</sup> Há ausência completa de cereais. Também nos conduz a esse juízo, quando se refere ele ao brejo em que está o Arraial dos Paulistas e expressa admiração pela

exuberância de sua terra. Ressalta logo que só ali se vê cultura cerealífera, e de frutos, quando diz: “...tem algumas plantas de farinha, de arroz, milhos, feijões e frutas, como são bananas, batatas, que tudo se dá com grande abundância, mostrando a fertilidade da terra e a incúria dos moradores que por sua preguiça não tem frutos de que viviam”.<sup>55</sup>

Já havia, entretanto, notícias de outras fontes de economia. Gomes Freire de Andrade, em carta de 18 de julho de 1687, em que relata a seu sucessor, Arthur de Sá Menezes, a tentativa para abrir caminho para a Bahia, pelo sertão, ligando o Maranhão ao Brasil, diz que a Casa Forte do Peria, não só servia para manter em paz os *Tremembés*, como ainda para o resgate do âmbar. Vieira, quando, em 1660, por terra, fora de S. Luís à Ibiapaba, no percurso daquelas praias “pelas quais sai o âmbar, teve tanta fortuna, diz Betendorf, que achou um pedaço, que pesava pouco mais ou menos uma arroba”.<sup>56</sup> Luís Vaz de Siqueira, em 1662, fez a ruína de Ibiapaba, missão a que com tanto ardor se dedicara Vieira, ao mandar do Maranhão uma escolta para resgatar âmbar colhido pelos gentios. Heriarte também já dissera: “de Peria até as serras do Camocim... de formosas praias, donde sai muito âmbar”.<sup>57</sup>

Gomes Freire, na mesma carta, ainda se refere a Salinas que naquelas alturas do Peria se começavam a explorar e

que provavelmente são ainda as que conhecemos, e recorda o comércio de violeta, *Burapinima* e outras boas madeiras que outrora os índios traziam pelo Paraguaçu (Parnaíba) a fim de negociar com um capitão estrangeiro “que tinha sentado paz com um principal, mais abalizado entre eles, a quem chamavam Tatupeba...”. Conta ainda a história dum índio que descera de Ibiapaba com os padres, em 1662, e dissera que, quando rapaz, trabalhou nas cabeceiras do Temonha, em busca de prata. Heriarte também se referira a prata e ouro e também a salinas nessa mesma região. E também João da Maia da Gama à exploração de tudo isso, pelos holandeses.<sup>58</sup> Muitos anos depois, uma comissão de mineiros estrangeiros fez pesquisas em Frecheiras, próximo de Ubajara, em busca de prata e cobre.<sup>59</sup>

Tudo isso passou, e hoje não pesa em nossa balança comercial. Sobrevive apenas a pecuária que jamais, em tempo algum, foi uma simples promessa, senão na primeira hora. Acompanha-a sempre a fartura e, apesar dos percalços de origem climática, ainda está presente em todas as ribeiras do Piauí, a esperar alento de nossos homens tão sóbrios em iniciativas dessa natureza.

A primeira página de nossa história é, como vimos, a primeira página da história da pecuária do Piauí. Foi escrita pelo P. Carvalho, que nessa mesma *Descrição do Sertão do Piauí* que remete a D. Francisco de Lima, deixa

bem patenteado que é também o fundador da Nova Freguesia de N. S. da Vitória, quando diz que do Prelado “o seu grande zelo me mandou fundar entre os miseráveis moradores que vivem nestes sertões...”<sup>60</sup>, aquela capelinha que seria a primeira força disciplinadora de nossa gente.

\* \* \*

Pouco conhecíamos com referência ao Piauí de então. Causa-nos surpresa o que realizaram aqueles vaqueiros, cujos nomes foram registrados pelo cronista. Muitas das atuais famílias do Piauí são descendentes daqueles temerários vaqueiros. Vêm, desde os primórdios, conservando o primitivo nome, os Costa Veloso, que se vinculariam pelo sangue às mais importantes famílias que têm ocupado elevado plano social desde aquela remota época. Quase todos os que figuram na *Descrição* do P. Carvalho continuam, representados por seus descendentes, a construir o grosso da família piauiense.

À exceção do Uruçuí e do Alto Parnaíba, todos os vales dos mais notáveis afluentes e subafluentes do Parnaíba estavam conquistados. Ao longo de suas margens estendia-se um cordão de fazendas que guardavam uma distância entre si de uma, duas, três, cinco léguas, às vezes maior intervalo, até mesmo de vinte léguas.

Aparece o Piauí já devassado, povoado de rebanhos e de gente, algumas centenas de habitantes, e já mandando semente para a fundação de novos currais em Ibiapaba e no Maranhão.

Têm-se a impressão de que foram distribuídos aqueles vaqueiros e seus agregados com rigorosa precisão, nascida de meticolosas observações, num trabalho de longos e metódicos preparativos, para atender interesses de ocupação rápida e definitiva, a obedecer também a interesses de comunicações e até mesmo de ordem estratégica. Era o Piauí terra desconhecida, não havia muito, infestada de índios guerreiros e bravios; seus currais e seus casebres estavam, entretanto, assentados nas margens do Longá, Poti, Canindé, Itaueira, Gurguéia, de seus afluentes e tributários destes, numa extensão linear de muitas centenas de léguas. As fazendas eram ocupadas geralmente por uma, duas, três pessoas. Muito raramente quatro, cinco. Havia, entretanto, algumas que eram animadas. Mocaitá, no rio do mesmo nome, com 13 pessoas, entre as quais quatro do sexo feminino, bem assim Boqueirão, no Poti, com 12 pessoas, entre as quais quatro mulheres. Eram exceções, e deveriam ser, em relação às outras, um paraíso de sociabilidade.

Diz-nos o P. Carvalho que o povoamento começou em 1682.<sup>61</sup> Se assim foi, em quinze anos obraram

aqueles vaqueiros um verdadeiro milagre de realizações. Transpor o chapadão que separa o Piauí da Bahia e Pernambuco, e de tão longe trazer gados, e em tão curto espaço de tempo distribuir sementes na fundação de 129 fazendas esparsas numa grande extensão de terras desconhecidas até então, com perigos incontáveis e imprevisíveis, não é feito para homens vulgares. E é preciso saber que esse trabalho consumado em meio estranho, distante do centro de irradiação, foi efetivado sem o amparo nem mesmo o estímulo dos poderes públicos. Foi realizado silenciosamente. Quando se vem a saber, estava o Piauí desbravado, conquistado, numa proeza sem estardalhaços. Tinha a base de sua população e também de sua economia. Suas fronteiras já se achavam delimitadas, não apenas pelos marcos dos acidentes geográficos, mas pelo labor daqueles homens. Obedeceriam eles a Mafrense? Ou melhor, teriam vindo aliciados pelo latifundiário, seus associados ou os absentistas do litoral? Não é duvidoso que tenham recebido estímulo daqueles magnatas. Isto é mesmo uma ocorrência positiva. Quem, entretanto, melhor os amparava era aquele arraial de paulistas que afugentava os índios das campinas piauienses.

É também possível que esses paulistas, que presumimos chegaram à bacia do Parnaíba antes que os baianos e

os lusos a penetrassem, tenham ainda contribuído com as primeiras sementes de gado para a fundação dos primeiros currais dos agregados de Mafrense ou de seus rendeiros, porque Domingos Jorge Velho, em seus requerimentos a El-rei, mais de uma vez se refere a seus gados do Piauí, donde descera em 1687, e que estavam sendo “comidos ou furtados”. A essas criações do Piauí, ele ainda se refere em sua carta também a El-rei, e, pela mesma forma, seus sucessores, em requerimento mais tarde.<sup>62</sup>

Como dissemos, causa-nos surpresa a rapidez com que se fundam e se espalham aquelas fazendas, embora apenas de 3 novilhas e um novilhote cada uma, conforme rememora a tradição oral. Para que sintamos a grandeza da capacidade dos pioneiros da colonização piauiense, que se faça o confronto com a fundação de currais no Rio Grande do Sul. Aí ressaltam logo as *vacarias* de imensas manadas sem dono que se apresentam a provocar, nos primeiros dias, o maior contraste de possibilidades dos dois mais importantes centros pecuários das colônias portuguesas na América. O Piauí, com pastarias desertas de gados, desconhecido dos poderes públicos, o homem a conduzir o gado; o Rio Grande com aquelas *vacarias* a repletar seus campos e os campos platinos com centenas de milhares de cabeças de gado bravio a atrair a cobiça dos próprios governos que estimulavam e oficializavam

mesmo a exploração daquela riqueza incalculável que se fixou como a maior fonte econômica do Sul. Aí, o gado conduzia o homem. Dizia delas o P. Sepp: “São as verdadeiras minas indígenas de ouro e prata de S. Majestade Real” .<sup>63</sup>

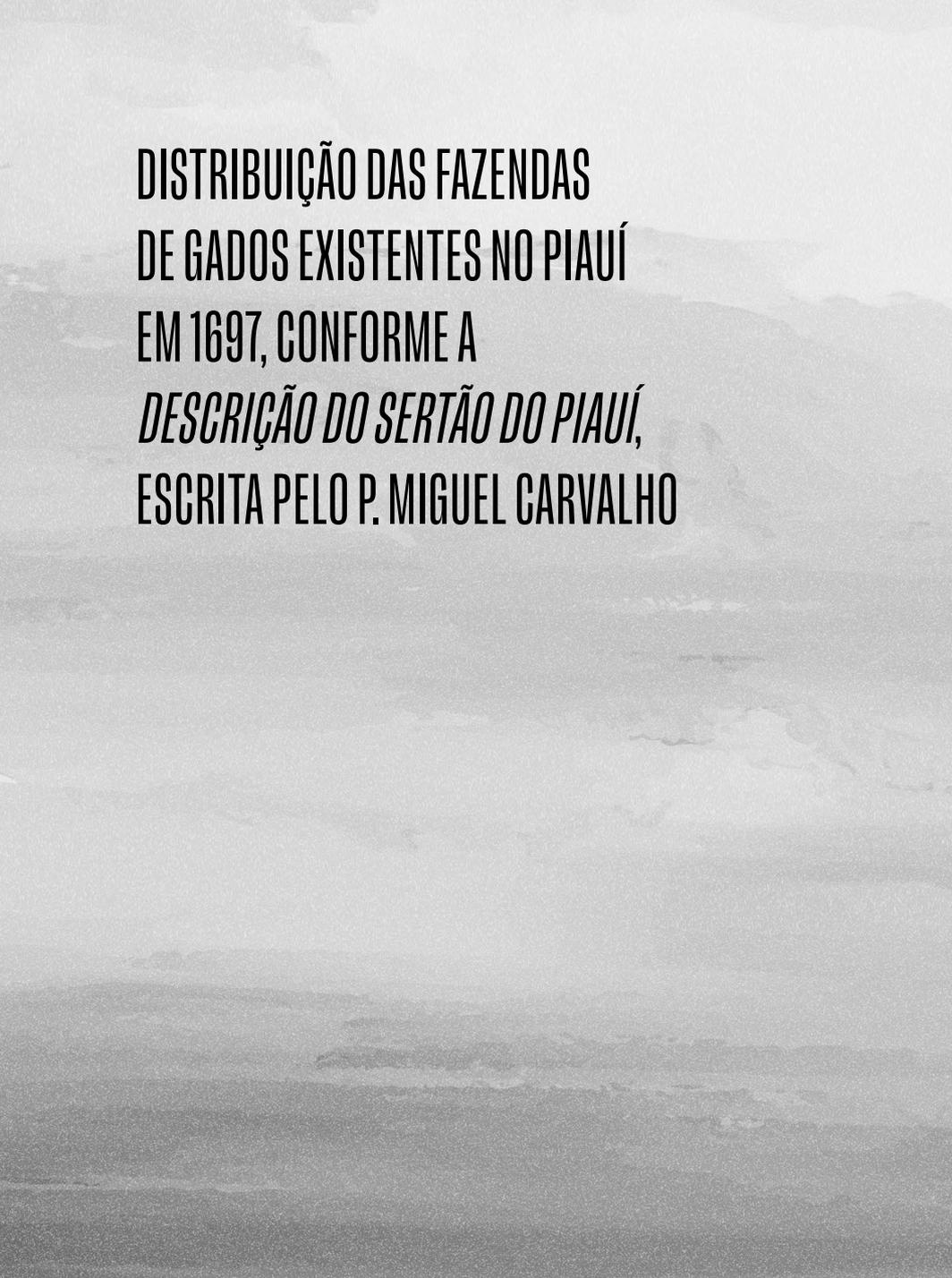
Ainda não foi posto em evidência esse contraste de possibilidades que julgamos interessante para pôr em realce o feito daquele comando de vaqueiros de que nos fala o P. Carvalho. Daí é que não pomos em dúvida que os gados de Domingos Jorge Velho não estavam sendo comidos. Estavam sendo furtados, fazendo as vezes, embora modestamente, das *vacarias* do Sul, na fundação de novos currais.

Aqueles vaqueiros conquistaram e opulentaram a terra piauiense, abandonados pelos homens, escorchados sempre por aqueles ambiciosos latifundiários do litoral que se faziam representar, por meio do suborno, por impiedosas e corruptas autoridades. A natureza sempre lhes foi também mais adversa que favorável. Apesar de tudo, contemporaneamente com o empreendimento dos lagunistas no mesmo ramo de atividades fixaram a mais importante base econômica do Piauí.

Aquelas *vacarias* do Sul positivamente muito contribuíram para que os gaúchos arreventassem logo o comando nesse setor econômico do Brasil.<sup>64</sup> Contudo, julgamos o

feito dos vaqueiros nomeados pelo P. Carvalho, uma das façanhas mais notáveis do período épico da conquista do Brasil. A princípio, pagavam rendas aos sesmeiros; mais tarde se rebelaram contra essa arbitrariedade causticada desde os primeiros dias por D. Francisco de Lima, pelos Ps. Carvalho e Ascenso Gago e, mais tarde, por João da Maia da Gama.<sup>65</sup> E venceram também nessa nova luta. É a primeira vitória da liberdade, em terra piauiense.

*Este trabalho foi publicado inicialmente na revista  
Econômica Piauiense, Nº 4, Volume I, de 1957.  
Sua edição pode ser encontrada no Arquivo Público do Estado do Piauí*



**DISTRIBUIÇÃO DAS FAZENDAS  
DE GADOS EXISTENTES NO PIAUÍ  
EM 1697, CONFORME A  
*DESCRIÇÃO DO SERTÃO DO PIAUÍ,*  
ESCRITA PELO P. MIGUEL CARVALHO**

RIO E FAZENDAS	VAQUEIRO E ENCARREGADO	Dist. em léguas da fazenda seguinte	Hab. brancos	Hab. negros	Hab. índios	Hab. mestiços	Hab. femininos
Rio Canindé – 20 fazendas							
Cachoeira	Henrique Valente e Antônio Lopes	5	2	-	-	-	-
Boqueirão	Manuel Alves	6	1	3	-	-	-
Poções de S. Miguel	Capitão Antônio Nunes	3	1	-	-	-	-
Campo Grande	Antônio Bento	5	1	1	-	-	-
Campo Largo	João Rebelo e João Ferreira das Neves	2	2	2	-	1	1
Torre	Manuel Pereira	4	1	1	-	-	-
Ilha	Cribones Caldeira e Castódio Alves	2	2	-	-	-	-
Graciosa	Francisco de Quadros	4	1	-	-	-	-
Várzea Branca	Bernabé de Araújo	3	1	1	1	-	1
Passagem	João Carneiro da Fonseca	2	1	2	-	-	-
Boa Vista	Gonçalo Nunes Teixeira	2	1	2	-	-	-
Aldeia	Juliano Gomes	3	1	1	-	-	-
Porto Alegre	Francisco Cardoso da Rosa e Antônio de Sousa Branco	3	2	-	1	-	-
Tatu	Salvador Carneiro	2	1	2	-	-	-
Gameleira	Antônio Antunes	2	1	2	-	-	-
Retiro	Antônio Fernandes	2	1	1	-	-	-
Barra	André Barbosa Correia e Rafael Barbosa	2	2	2	-	-	-
Caraíba	Antônio da Cunha Souto Maior	2	1	4	-	-	-
Lag. Suçuapara	Constantino Ferreira e Faria	8	1	2	-	-	-
S. Rosa	João Ferreira Barros	-	1	2	-	-	-
		62	25	28	2	1	2

RIO E FAZENDAS	VAQUEIRO E ENCARREGADO	Dist. em léguas da fazenda seguinte	Hab. brancos	Hab. negros	Hab. índios	Hab. mestiços	Hab. femininos
<b>Rio Itaim-mirim, afluente do Canindé – 7 fazendas</b>							
Jenipapo	Francisco Gil do Reis	2	1	3	-	-	-
Tabua	Paulo Ferreira de Azevedo	1	1	2	-	-	-
Serra	Estevão Borges e Antônio Nunes	3	2	2	-	1	1
Torta	Cap. Antônio de Antas de Azevedo, Bar da Gama de Azevedo e Fernando Velho da Gama	2	3	4	-	-	-
Tranqueira	André de Fraga	2	1	1	-	-	-
Canaveira	Francisco Cardoso de Amaral	2	1	2	-	-	-
Saco	Gonçalo Antunes	-	1	1	-	1	-
		12	10	15	-	2	1
<b>Rio Guaribas, afluente do Itaim-mirim – 6 fazendas</b>							
Buraco	Antônio da Silva	2	1	2	-	-	-
Pedras	Sebastião Pereira	3	1	1	-	-	-
Suçupara	Manuel Fravassos Borges	2	1	2	-	-	-
Samambaia	Aleixo de Barros Galvão e Alferes Francisco Bezerra Correia	2	2	-	4	-	-
Boqueirão	João de Sousa e Capitão Alexandre Rebelo Sepúlveda	2	2	2	1	-	1
Tucano	Antônio Barbosa Bezerra	-	1	1	1	-	1
		11	8	8	6	-	2
<b>Frade, afluente do Itaim-mirim – 1 fazenda</b>							
Frade	Braz Teixeira	-	1	1	1	-	-

RIO E FAZENDAS	VAQUEIRO E ENCARREGADO	Dist. em léguas da fazenda seguinte	Hab. brancos	Hab. negros	Hab. índios	Hab. mestiços	Hab. femininos
<b>Serra Talhada, afluyente do Canindé – 1 fazenda</b>							
Talhada	Belchior Gonçalves	-	1	1	-	-	-
<b>Corrente, afluyente do Canindé – 1 fazenda</b>							
Corrente	Alferes Cristóvão Alvares da Palma e Manuel Rodrigues	-	1	1	1	-	1
<b>Mocambo, afluyente do Canindé – 1 fazenda</b>							
Mocambo	Domingos Lopes de Carvalho	-	1	1	1	-	1
<b>Buriti, afluyente do Canindé – 1 fazenda</b>							
Buriti	Francisco (escravo)	-	-	1	6	-	6
<b>Tranqueira, afluyente do Canindé – 5 fazendas</b>							
Saco	Domingos Afonso (negro, cujo nome ficou)	1	-	2	-	1	1
Lagoa Grande	Luís Rodrigues Viana e Antônio Santos	2	2	2	-	-	-
Tranqueira	Antônio Soares Touguia e Domingos Afonso Serra	3	2	3	-	-	1
Suçupara	Cap. Antônio Dias da Costa	3	1	2	-	-	-
Salinas	Inácio Gomes e Alferes Silvestre da Costa Gomes de Abreu	-	2	5	1	-	2
		9	7	14	1	1	4

RIO E FAZENDAS	VAQUEIRO E ENCARREGADO	Dist. em léguas da fazenda seguinte	Hab. brancos	Hab. negros	Hab. índios	Hab. mestiços	Hab. femininos
<b>Piauí, afl. do Canindé – 20 fazendas</b>							
Almas Santas	Silvestre Gomes	13	1	-	2	2	1
Tabuleiro Alto	Manuel dos Santos	5	1	2	-	-	-
Curral dos Campos	Manuel da Costa	10	1	2	-	-	1
Fazenda Grande	Antônio Gomes Pereira	5	1	1	1	-	1
Sítio das Pimentas	Alferes João da Rua Siqueira	3	1	1	1	-	-
Espinhos	João Francisco de Oliveira	3	1	2	-	-	-
Salinas	João Vaz	6	1	2	-	-	-
Cachoeiras	André Leitão de Abreu	3	1	1	-	-	-
Gameleiras	Francisco Machado Guimarães	4	1	2	1	-	-
Serra	Lourenço da Costa Veloso e Manuel de Azevedo	2	2	2	-	1	1
Riacho	José Freire de Andrade	1	1	2	-	-	-
Sobrado	Manuel Pinto	1	1	2	-	-	-
Lagoa do Jacaré	Cristóvão de Brito Sampaio	2	1	4	-	-	1
Espinheiro	Francisco da Cunha	2	1	2	-	-	-
Alagoa das Itaris	Manuel da Silva Soares	3	1	2	3	-	3
Sítio Baixo	Francisco Muniz	2	1	1	-	-	-
Suçupara	Manuel de Araújo Costa	2	1	2	-	-	1
Algodões	Sebastião Cardoso de Araújo e Alexandre Ferreira	2	2	2	1	-	-
Cataréns	Manuel Pinto de Carvalho e Antônio Rodrigues Calvo	4	2	2	-	-	-
Tapera	Francisco Varela	-	1	2	-	-	-
		73	23	36	9	3	9

RIO E FAZENDAS	VAQUEIRO E ENCARREGADO	Dist. em léguas da fazenda imediata	Hab. brancos	Hab. negros	Hab. índios	Hab. mestiços	Hab. femininos
<b>Pobre, afluyente do Canindé – 1 fazenda</b>							
Pobre	Pedro Alves de Oliveira	-	1	1	1	-	-
<b>Mocaitá, afluyente do Piauí – 3 fazendas</b>							
Angico	Miguel Martins	4	1	1	1	-	-
Mocaitá	Manuel Leitão Arnozo e Capitão José Garcia Paz	4	2	2	8	1	4
Lagoa do Jacaré	Antônio Afonso	-	1	1	-	-	-
		8	4	4	9	1	4
<b>Boa Vista, afluyente do Canindé – 1 fazenda</b>							
Boa Vista	Luís Martinho	-	1	1	1	-	-
<b>Itaim-Açu (Poti) – 9 fazendas</b>							
Onça	Manuel de Araújo Velho	2	1	1	-	-	-
Anta	Manuel Gonçalves Palha	3	1	1	-	-	-
Boqueirão	Paulo Afonso do Monte e Miguel de Abreu Sepúveda	2	2	6	4	-	4
Juazeiro	Manuel Lobo Barreto	2	1	1	-	-	-
Sambaíba	Lucas Vasques Barbosa	3	1	1	-	-	-
Poti	Antônio Gonçalves	3	1	4	-	-	-
S. Lázaro	José Ribeiro de Castor	3	1	-	2	-	-
S. Pedro	Domingos de Carvalho	3	1	-	2	-	-
S. Cosme	Manuel Ribeiro	-	1	-	1	-	-
		21	10	14	9	-	4

RIO E FAZENDAS	VAQUEIRO E ENCARREGADO	Dist. em léguas da fazenda imediata	Hab. brancos	Hab. negros	Hab. índios	Hab. mestiços	Hab. femininos
<b>Cana Brava, afluente do Itaim-Açu – 2 fazendas</b>							
Cana Brava	Egas Muniz de Cela Barreto	3	1	5	-	-	2
Iningas	João Lobo	-	1	2	-	-	-
		3	3	7	-	-	2
<b>Cais, afluente do Itaim-Açu – 2 fazendas</b>							
Dor de Barriga	Gaspar Ferniz Salgado	3	1	1	-	-	-
Bigode	Francisco Mendes da Costa	-	1	1	-	-	-
		3	2	2	-	-	-
<b>Tapuia, afluente do Cais – 3 fazendas</b>							
Cabeça do Tapuia	Inácio Barbosa da Gama	2	1	1	1	-	-
Olho d'água	João Barbosa	2	1	1	1	-	-
Sítio da Cruz	Francisco Afonso Barbosa e Cristóvão Barbosa Pereira	-	2	3	-	-	-
		4	4	5	2	-	-
<b>S. Vítor, afluente do Itaim-Açu – 4 fazendas</b>							
S. Vítor	João Pinto	4	1	2	-	-	-
S. Mateus	José Nunes Ferreira e Manuel do Vale	3	2	4	-	-	-
Belo Jardim da Cruz	Domingos de Aguiar, Mariana Cabral e Domingos da Silva	3	3	-	4	-	1
Tapera	Simão da Costa e Manuel Simões	-	2	2	-	-	-
		10	8	8	4	-	1

RIO E FAZENDAS	VAQUEIRO E ENCARREGADO	Dist. em léguas da fazenda imediata	Hab. brancos	Hab. negros	Hab. índios	Hab. mestiços	Hab. femininos
<b>S. Nicolau, afluyente do S. Vítor – 4 fazendas</b>							
Sítio do Mendes	João de Versa	3	1	2	-	-	-
S. Nicolau	Salvador João	10	1	2	-	-	-
Sítio das Pedras	Miguel Gomes	2	1	2	-	-	-
S. Antônio	Domingos Autunes	-	1	-	3	-	1
		15	4	6	3	-	1
<b>Vitória, afluyente do S. Nicolau – 1 fazenda</b>							
Vitória	Antônio Álvares	-	1	2	-	-	-
<b>Negro, afluyente do S. Nicolau – 1 fazenda</b>							
Serra Negra	Rodrigues da Costa	-	1	2	-	-	-
<b>S. Catarina, afluyente do S. Vítor – 2 fazendas</b>							
S. Francisco Xavier	Francisco da Cunha e Antônio de Paiva	3	2	-	4	-	-
Sítio de S. Catarina	Antônio Gomes da Costa e André Gomes	-	2	3	1	-	1
		3	4	3	5	-	1
<b>S. Vicente, afluyente do S. Vítor – 4 fazendas</b>							
Gado Bravo	Francisco Meireles	4	1	1	-	-	-
S. Vicente	Manuel Álvares Quaresma	3	1	4	-	-	-
S. Antônio	Gonçalo Carneiro e Gaspar da Cruz	3	2	2	-	-	-
Alegrete	Manuel Rocha	-	1	2	-	-	-
		10	5	9	-	-	-

RIO E FAZENDAS	VAQUEIRO E ENCARREGADO	Dist. em léguas da fazenda imediata	Hab. brancos	Hab. negros	Hab. índios	Hab. mestiços	Hab. femininos
<b>Berlengas, afluyente do Itaim-Açu – 3 fazendas</b>							
Caraíbas	Luís da Silva	2	1	3	-	-	-
Berlengas	Dionízio Dias Pereira	5	1	1	-	-	-
S. João das Flores	Baltazar Machado	-	1	-	2	-	1
		7	3	4	2	-	1
<b>S. Antônio, afluyente do Itaim-Açu – 1 fazenda</b>							
S. Antônio	João Rodrigues	-	1	1	-	-	-
<b>Maratauçã – 4 fazendas</b>							
Jenipapo	Miguel Pinheiro de Carvalho	4	1	2	-	-	-
Carnaíba	Dâmagô Pinheiro	2	1	1	-	-	-
Estreito	Simão da Costa	3	1	-	-	-	-
Boa Ceia	Antônio Luís	-	1	1	-	-	-
		9	4	4	-	-	-
<b>Cobras, afluyente do Maratauçã – 2 fazendas</b>							
Sítio das Cobras	(Dois negros encarregados)	3	-	2	-	-	-
Fazenda da Barra	Manuel Antunes Trigo	-	1	1	-	-	-
		3	1	3	-	-	-
<b>Bitorocara, afluyente do Maratauçã – 3 fazendas</b>							
A Serra	Pedro Alves Pereira	2	1	-	1	-	-
Bitorocara	Cap. Bernardo de Carvalho	2	1	4	-	-	-
Jatobá	Lourenço de Sousa Meireles	-	1	1	-	-	-
		4	3	5	1	-	-

RIO E FAZENDAS	VAQUEIRO E ENCARREGADO	Dist. em léguas da fazenda imediata	Hab. brancos	Hab. negros	Hab. índios	Hab. mestiços	Hab. femininos
<b>Guaribas – 3 fazendas</b>							
Guaribas	Manuel Dias Braga	3	1	1	-	-	-
Pico	Domingos Gonçalves	4	1	2	-	-	-
Mato	Francisco de Barros	-	1	1	-	-	-
		7	3	4	-	-	-
<b>Itaueira, afluente de Guaribas – 4 fazendas</b>							
Maravilhas	Gonçalo de Almeida e Francisco de Almeida	2	2	2	-	-	-
Batalha	Manuel Barbosa	3	1	1	-	-	-
Jacaré	Manuel Martins	4	1	2	-	-	-
Sítio das Flores	Domingos Barbosa	-	1	-	2	-	-
		9	5	5	2	-	-
<b>Lagoas (a montante do Guaribas) – 2 fazendas</b>							
Rio Grande	Francisco Ferreira de Lima	7	1	3	-	-	-
Salinas	Manuel Pereira	-	1	2	-	-	-
		7	2	5	-	-	-
<b>Gurguéia – 7 fazendas</b>							
Serra Vermelha	João Feliz e Manuel Lopes	3	2	1	-	-	-
Estreito	Manuel da Costa Fujardo	2	1	1	-	-	-
Buritis	Franciso Antunes	2	1	1	-	-	-
Barreiras	Gregório de Barros	2	1	1	-	-	-
Castelo	Antão da Silva	3	1	1	-	-	-
Sítio das Manganas	Álvaro Velho	20	1	1	-	-	-
Sítio Real	Miguel Ribeiro	-	1	1	-	-	-
		32	8	7	-	-	-

# NOTAS

Esses currais passaram mais tarde a ser conhecidos como fazendas do fisco, fazendas nacionais e, atualmente, fazendas do Estado.

- 1 Ernesto Ennes. *As Guerras dos Palmares*, 1º vol. 1938. 128.
- 2 Ernesto Ennes. Obras cit. 364 a 369 e 387.
- 3 Ernesto Ennes. Obra cit. 384. Affonso de E. Taunay – *História Geral das Bandeiras Paulistas*. Tomo Oitavo, 1946. 272.
- 4 Ernesto Ennes. Obra cit. 370
- 5 Ernesto Ennes. Obra cit. 364
- 6 Ernesto Ennes. Obra cit. 382
- 7 Affonso de E. Taunay. Obras cit. Tomo Oitavo. 192
- 8 Affonso de E. Taunay. Obras cit. Tomo Oitavo. 286
- 9 Serafim Leite. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo V. 1945. 284.
- 10 Serafim Leite. Obra cit. Tomo V. 1945. 143. R. A. Pereira da Costa. *Cronologia Histórica do Estado do Piauí*, 1909. 25.
- 11 Ernesto Ennes. Obra cit. 366 e 377
- 12 Ernesto Ennes. Obra cit. 368
- 13 João da Maia da Gama. *Diário da Viagem*. Em F.A. Oliveira Martins, *Um Herói Esquecido*. Vol. II. 1944. 19.
- 14 Ernesto Ennes. Obra cit. 369
- 15 Ernesto Ennes. Obra cit. 369
- 16 Ernesto Ennes. Obra cit. 362
- 17 Ernesto Ennes. Obra cit. 360 e 361
- 18 F. A. Pereira da Costa. Obra cit. 14 e 15
- 19 João da Maia da Gama. Em obra cit. Vol. 11. 19.
- 20 Caio Prado Júnior. *História Econômica do Brasil*. 1949. 65. S. Rocha Pita. *História da América Portuguesa*. 1950. 307.

- 21 *Documentos Históricos do Arquivo Municipal da Bahia. Atas da Câmara*. Vol. 6. 329, 333, 334, 348 e 364. *Documentos Históricos*. Publicação do Ministério da Educação. Rio de Janeiro. Vol. LXXXIX. 214 a 217
- 21-A Serafim Leite. Obra cit. Tomo III. 1943. 64 a 65, em Nota e Tomo VIII. 1949. 263.
- 22 Ernesto Ennes. Obra cit. 371, 372 e 381. Serafim Leite. Obra cit. Vol. III. 1943. 58 e 59.
- 23 João Filipe Betendorf. *Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Em Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LXXII. Parte 1ª 1909, 316 e 607. F. A. Pereira da Costa. Obra cit. 15. Ernesto Ennes. Obra cit. 372.
- 24 Ernesto Ennes. Obra cit. 381
- 25 Ernesto Ennes. Obra cit. 372
- 26 Serafim Leite. Obra cit. Tomo III. 1943. 68
- 27 Serafim Leite. Obra cit. Tomo V. 1945. 560
- 28 Ernesto Ennes. Obra cit. 386
- 29 Serafim Leite. Obra cit. Tomo V. 560 e 561. (Se foram a Parnaguá, é porque em 1694 havia residência. Se não figurou na *Descrição*, em 1697, foi porque provavelmente foram extintas as residências).
- 30 Ernesto Ennes. Obra cit. 387
- 31 Ernesto Ennes. Obra cit. 370
- 32 Ernesto Ennes. Obra cit. 371 e 372
- 33 Ernesto Ennes. Obra cit. 371
- 34 Ernesto Ennes. Obra cit. 372
- 35 Ernesto Ennes. Obra cit. 370 e 373.
- 36 *Termo da Junta das Missões em S. Luís do Maranhão* (30 de março de 1726), em Serafim Leite. Obra cit. Tomo III. 1943. 439 a 443
- 36-A Ernesto Ennes. Obra cit. 379
- 37 Ernesto Ennes. Obra cit. 373
- 38 Ernesto Ennes. Obra cit. 379
- 39 *Cartas Jesuíticas*. II. *Cartas avulsas*. Publicações da Academia Brasileira. 1931. 197
- 40 Ernesto Ennes. Obra cit. 389
- 41 Ernesto Ennes. Obra cit. 387 a 389

- 42 Ernesto Ennes. Obra cit. 381
- 43 Serafim Leite. Obra cit. Tomo III. 61 e 62
- 44 Ernesto Ennes. Obra cit. 388
- 45 Ernesto Ennes. Obra cit. 386
- 46 Ernesto Ennes. Obra cit. 386 e 387
- 47 Serafim Leite. Obra cit. Tomo III. 41, 53, 59
- 48 Serafim Leite. Obra cit. Tomo III. 40 e 41
- 49 João da Maia da Gama. Obra cit. 18
- 50 Anísio Brito. *Índice das Cartas de Sesmarias concedidas no Pará* (Trabalho usado na *Casa Anísio Brito*). 115, 145, 147
- 51 Ernesto Ennes. Obra cit. 385
- 52 Mapoteca do Departamento Estadual de Estatística.
- 53 Ernesto Ennes. Obra cit. 385
- 54 Ernesto Ennes. Obra cit. 373
- 55 Ernesto Ennes. Obra cit. 379
- 56 João Filipe Betendorf. Obra cit. 122
- 57 João Filipe Betendorf. Obra cit. 198 e seguintes. Serafim Leite. Obra cit. Tomo III. 29
- 58 Barão de Studart. *Documentos para a História do Brasil e especialmente a do Ceará*. Em Revista do Instituto do Ceará. Tomo XXXVI. Ano XXXVI. II. 65. 1922. Documento. 538. 151 a 158. João da Maia da Gama. Obra. Cit. 11. 65.
- 59 P. Vicente Martins. *O Hospício dos Jesuítas de Ibiapaba*. Em *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLIII e XLIV. Anos XLIII e XLIV. 1929 e 1930. 97 e seguintes.
- 60 Ernesto Ennes. Obra cit. 387
- 61 Ernesto Ennes. Obra cit. 382
- 62 Ernesto Ennes. Obra cit. 204, 219, 326, 327. 344. F. A. Pereira da Costa. Obra cit. 22
- 63 P. Antônio Sepp. S. J. *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. 1943. 131.
- 64 Aurélio Porto. *Histórica das Missões Orientais do Uruguai*. 1943. 409 a 411, 212 a 214. Publicação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- 65 F. A. Pereira da Costa. Obra cit. 16 e 17. Serafim Leite. Obra cit. Tomo III. 61, 62 e 63.

---

Todos os direitos reservados. De acordo com a lei n.º 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma ou por meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do autor e do editor.

---

APOIO CULTURAL Instituto Amostragem  
PROJETO GRÁFICO Alcides Jr / Área de Criação

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Nunes, Odilon

Os primeiros currais : geografia e história do Piauí seiscentista / Odilon Nunes. -- Teresina, PI : Área de Criação, 2025.

Apoio Cultural: Instituto Amostragem

Bibliografia.

ISBN 978-65-85113-21-2

1. Piauí (PI) - Aspectos econômicos 2. Piauí (PI) - Condições sociais 3. Piauí (PI) - Descrição 4. Piauí (PI) - História I. Título.

25-266469

CDD-981.22

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Piauí : Estado : História

981.22

---

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

---



Rua Santa Catarina, 635  
Frei Serafim, Teresina - PI  
Cep 64001-530  
Telefones  
(86) 98852-1915 / 2107-0200





# ODILON JOSÉ NUNES

Odilon José Nunes pode ser considerado, sem exagero ou bajulação, um dos mais importantes historiadores do Brasil – fundamental para a História do Piauí, que tem nele bem mais que um pesquisador determinado, um criador.

Sua contribuição para a História do Brasil nasceu de sua decisão de ele mesmo olhar para sua aldeia e construir um saber escolar para a História e a Geografia do Piauí. Assim, ao exercer o magistério, fez-se um pesquisador para ter suporte ao ensino. Nesse contexto, ao pesquisar, apreendeu o conhecimento para aprender a ensinar. A humildade o fez grande.

Professor, escritor e integrante da Academia Piauiense de Letras, nasceu em Amarante, em 10 de outubro de 1899, no apagar das luzes oitocentistas e no limiar de um século dito breve pelo historiador inglês Eric Hobsbawm (1917-2012). Em 22 de outubro de 1989, aos 90 anos, morreu, deixando um legado de estudos e conhecimentos.

Na carreira de professor, em Teresina, exerceu a direção da Escola Normal Oficial do Estado e do Liceu Piauiense, duas das mais tradicionais escolas do Piauí. Foi também Inspetor Técnico do Ensino, coordenador do Censo Estatístico Escolar, diretor da Instrução Pública do Estado e membro do Conselho Estadual de Educação. Mas foi como historiador que deixou seus maiores legados para a educação e a cultura do Piauí, com grandes obras de estudo e pesquisa sobre a história piauiense.

Apasionado pela historiografia dedicou-se com muito zelo à pesquisa histórica e abriu canais de informação em obra de repercussão nacional. Realizou pesquisas às fontes primárias, quando possível, e abriu clareza em passagens até então obscuras de nossa história. Sua obra está credenciada e é considerada um divisor de águas na historiografia piauiense, por realizar pesquisa criteriosa.

Foi desde sempre um analista profundo que prestigiava a fonte documental e cotejava-a com outros dados de pesquisa.

Em reconhecimento a seu trabalho pela História, Cultura e Educação do Piauí, a Assembleia Legislativa do Estado do Piauí designou o Museu do Piauí com o nome do historiador. A Prefeitura de Teresina criou um centro de formação educacional com o seu nome e a Câmara Municipal o homenageou com o nome de uma rua.

Em sua Amarante, o casarão em que nasceu e viveu o historiador piauiense e atualmente abriga o Museu das Letras do Piauí.

O local funcionava como uma casa de cultura, mas em 2022 foi reorganizado para homenagear além de Odilon, outros nomes da cultura do Piauí, como Francisco da Costa e Silva, Clóvis Moura, Amélia Beviláqua e Alberto da Costa e Silva.

A Casa de Odilon Nunes mantém uma ala toda dedicada ao historiador, que legou a ela sua biblioteca particular.

Como reconhecimento pelo seu trabalho de historiador recebeu da Universidade Federal do Piauí o título de Doutor “Honoris Causa”. Também, foi agraciado com as medalhas do “Mérito Joaquim Nabuco”, de Pernambuco, e do “Mérito Visconde da Parnaíba”, do Instituto Histórico de Oeiras. Era integrante do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí.

Odilon nasceu em família abastada e tradicional, filho do empresário, político e capitão da Guarda Nacional Gil José Nunes. Sua mãe, Dona Presilina Liberalina Ribeiro do Bonfim, também provinha de família tradicional. Casado com Dona Maria do Carmo Veras Nunes, não deixou descendência.

Os seus primeiros estudos regulares foram feitos em Amarante, mas Odilon consagrou-se como autodidata, sedimentando conhecimento na leitura dos clássicos. Depois de peregrinações, na juventude, por diversos recantos do Brasil, retornou à sua cidade natal, dedicando-se ao magistério, profissão que abraçou por toda a vida. Logo, fundou o Colégio Amarantino, que funcionou de 1928 a 1932, proporcionando à juventude de sua terra a oportunidade de abeberar-se em sábias lições.

Nos anos 1930, mudou-se para Teresina, Capital do Estado, onde se tornou professor e diretor da Escola Normal Oficial do Estado e do Liceu Piauiense, duas tradicionais escolas – condição que o levou a uma carreira como dirigente da educação pública no Estado.

Sua paixão pela História fê-lo tornar-se um pesquisador dedicado que buscava construir uma Historiografia à sua visão, com estudos diretos nas fontes primárias, elucidando passagens pouco vistas ou sequer notadas da História do Piauí. Conseguiu ver mais e melhor porque sempre foi um pesquisador criterioso, um analista profundo, um sábio exegeta que prestigiava a fonte documental cotejando-a com outros dados de pesquisa. Por essa razão, sua obra é altamente credenciada e um divisor de águas na historiografia piauiense.

Seu primeiro livro *O Piauí na história*, de 1931, confirma a acuidade de Odilon Nunes no mister de historiador. As obras que se seguiram também têm todas alto valor e o consagraram definitivamente seu nome na historiografia brasileira. Recentemente, a Academia Piauiense de Letras republicou a obra de Odilon.

Em 1999, por iniciativa da Academia Piauiense de Letras, Conselho Estadual de Cultura e Fundação Estadual de Cultura e do Desporto, entre outras instituições culturais, foi comemorado o centenário de seu nascimento com promoção de ciclos de palestras e debates sobre sua obra. Também, a Academia de Letras do Médio Parnaíba, com sede em Amarante, que o

elegeu para patrono de uma de suas cadeiras, promoveu debate sobre sua obra.

O reconhecimento da importância da obra de Odilon Nunes é crescente, aumentando a cada dia sua fortuna crítica, conforme se pode medir pelas palavras do historiador José Honório Rodrigues, em publicação de 28 de abril de 1973, no Jornal do Brasil: “Odilon Nunes é um pesquisador notável, fiel à verdade histórica, buscada nas fontes primárias. Poucos Estados terão um pesquisador e historiador tão seguro, tão correto, tão autêntico”.

As palavras de reconhecimento veiculadas mais de meio século atrás confirmam a atualidade da obra de Odilon Nunes para o Piauí e para o Brasil.

# OBRAS

*O Piauí na História* (1931)

*Os Primeiros Currais* (1957)

*Economia e Finanças: Piauí Colonial* (1959)

*Devassamento e Conquista do Piauí* (1960)

*O Piauí, seu povoamento e seu desenvolvimento* (1960)

*Independência do Piauí* (Conferência - 1960)

*Súmula de História do Piauí* (1963)

*São Gonçalo de Amarante* (Artigo - 1967)

*A mudança da capital de Oeiras para Teresina* (1967)

*Pesquisas para a história do Piauí – 4 volumes*

*O Piauí: escorço histórico* (sem data)

*Um desafio da historiografia do Brasil* (1979)

*Depoimentos Históricos* (1981)

*Casos e cousas da historiografia piauiense* (Revista Presença, 1983)

*Documentos coligidos* (sem data)

*Raízes do Terceiro Mundo* (1987)



Este livro foi composto com as fontes:  
Dupinzel, desenvolvida por Plau Desgin;  
Lektorat, desenvolvida por TypeTogether.

---



TAPERA • POBRE • ANGICO  
 MOCAITÁ • LAGOA DO JACARÉ  
 BOA VISTA • ONÇA • ANTA  
 BOQUEIRÃO • JUAZEIRO  
 SAMBAIBA • POTI • S. LAZARO  
 S. PEDRO • S. COSME  
 CANA BRAVA • ININGAS  
 DOR DE BARRIGA • BIGODE  
 CABEÇA DO TAPUIA  
 OLHO DAGUA • SÍTIO DA CRUZ  
 S. VÍTOR • S. MATEUS  
 BELO JARDIM DA CRUZ  
 TAPETA • SÍTIO DO MENDES  
 S. NICOLAU • SÍTIO DAS PEDRAS  
 S. ANTÔNIO • VITORIA  
 SERRA NEGRA • S. FRANCISCO XAVIER  
 SÍTIO DE S. CATARINA  
 GADO BRAVO • S. VICENTE  
 S. ANTÔNIO • ALEGRETE  
 CARAIBAS • BERLENGAS  
 S. JOÃO DAS FLORES  
 S. ANTÔNIO • JENIPAPO  
 CARNAÍBA • ESTREITO  
 BOA CEIA • SÍTIO DAS COBRAS  
 FAZENDA DA BARRA • A SERRA  
 BITOROCARA • JATOBÁ • GUARIBAS  
 PICO • MATO • MARAVILHAS  
 BATALHA • JACARÉ  
 SÍTIO DAS FLORES • RIO GRANDE  
 SALINAS • SERRA VERMELHA  
 ESTREITO • BURITIS  
 BARREIRAS • CASTELO  
 SÍTIO DAS MANGANAS • SÍTIO REAL

**APOIO CULTURAL**



CACHOEIRA • BOQUEIRÃO  
 POÇOES DE S. MIGUEL  
 CAMPO GRANDE  
 CAMPO LARGO • TORRE  
 ILHA • GRACIOSA  
 VARZEA BRANCA  
 PASSAGEM • BOA VISTA  
 ALDEIA • PORTO ALEGRE  
 TATU • GAMELEIRA  
 RETIRO • BARRA  
 CARAÍBA • LAG. SUÇUAPARA  
 S. ROSA • JENIPAPO  
 TABUA • SERRA • TORTA  
 TRANQUEIRA • CANAVIEIRA  
 SACO • BURACO • PEDRAS  
 SUÇUAPARA • SAMAMBAIA  
 BOQUEIRÃO • TUCANO  
 FRADE • TALHADA  
 CORRENTE • MOCAMBO  
 BURITI • SACO • LAGOA GRANDE  
 TRANQUEIRA • SUÇUAPARA  
 SALINAS • ALMAS SANTAS  
 TABULEIRO ALTO  
 CURRAL DOS CAMPOS  
 FAZENDA GRANDE  
 SÍTIO DAS PIMENTAS  
 ESPINHOS • SALINAS  
 CACHOEIRAS • GAMELEIRAS  
 SERRA • RIO • SOBRADO  
 LAGO DO JACARÉ • ESPINHEIRO  
 ALAGO AVOA  
 LAGO DAS ITARIS  
 SÍTIO BAIXO • SUÇUAPARA  
 ALGODOES • SEAS  
 ALGODOES

**área de criação**

ISBN 978-65-85113-21-2



opa